

**EQUIPAS DE NOSSA SENHORA**



**HOMEM E MULHER  
ELE OS CRIOU**

**REFLEXÃO CRISTÃ  
SOBRE A SEXUALIDADE**

**EQUIPA RESPONSÁVEL INTERNACIONAL  
1.ª EDIÇÃO - 2003**

**“A mão de Deus” Auguste Rodin (1840-1917)**

Número de inventário S 988 - Mármore esculpido por Soudbinine em 1916 ou 1917 - 94 x 82,5 x 54,9 cm

---

Ao modelar esta obra audaciosa, Rodin rompe totalmente com toda a espécie de composição tradicional e adopta uma forma que se dirige directamente à imaginação. A mão que amassa poderosamente a matéria de onde surge o ser criado é a divindade que do nada faz emergir a humanidade; é também a imagem simbólica do artista que inventa um mundo. Rodin possuía um profundo conhecimento da arte da Idade Média e da Renascença.

Foi possível determinar que a *Mão de Deus* tem origem num estudo de mão utilizado para duas personagens do grupo *Os Burgueses de Calais*, cujos gestos evocam o desespero e o adeus. É um exemplo particularmente interessante da capacidade de Rodin de dar significados completamente diferentes a obras constituídas de elementos comuns.

Extraído do sítio da Internet do Museu Rodin (<http://musee-rodin.fr> – 77, rue de Varenne – 75007 Paris – Tel.: 0144186110).

---

© Imagem da capa: Museu Rodin – Paris  
Fotografia: Eric e Petra Hosmerg



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	5
<b>1. «Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe»</b> <i>(Gn 2, 24)</i> – O encontro cria-nos .....	9
<b>2. «E eles se tornam uma só carne»</b> <i>(Gn 2, 24)</i> – Do carnal ao espiritual .....	19
<b>3. «Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom»</b> <i>(Gn 1, 3)</i> – O acto sexual é bom .....	29
<b>«O teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará»</b> <i>(Gn 3, 16)</i> – Construir juntos uma sexualidade harmoniosa .....	41
<b>5. «O que Deus uniu, o homem não deve separar»</b> <i>(Mt 19, 6)</i> – Juntos para sempre, a fidelidade .....	51
<b>6. «Cada um de nós prestará contas a Deus de si próprio»</b> <i>(Rm 14, 12)</i> – A consciência .....	63
<b>7. «Sede fecundos»</b> <i>(Gn 1, 28)</i> – Dar fruto, a fecundidade .....	73
<b>8. «Glorificai a Deus no vosso corpo»</b> <i>(1 Cor 6, 20)</i> – O vosso corpo é templo do Espírito Santo .....	89
<b>Bibliografia</b> .....	101





---

## INTRODUÇÃO

*«Deus é amor e vive em Si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Ao criar a humanidade do homem e da mulher à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreveu nela a vocação ao amor e à comunhão e, portanto, a capacidade e a responsabilidade correspondentes. O amor é, portanto, a fundamental e original vocação do ser humano» (João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*).*

Vivemos no nosso casal esta vocação fundamental, e, retomando as palavras que o Papa Paulo VI dirigiu às Equipas de Nossa Senhora a 4 de Maio de 1970, *«é todo o ser que participa dessa vocação, nas profundezas do seu mistério pessoal, das suas componentes afectivas, sensíveis, carnis, bem como espirituais, até constituir cada vez melhor aquela imagem de Deus que o casal tem por missão encarnar ao longo do tempo, tecendo-a com as suas alegrias e com as suas provações, porque é verdade que o amor é mais do que o amor. (...) O cristão sabe que o amor humano é bom desde a sua origem, e se é, como tudo no homem, ferido e deformado pelo pecado, encontra em Cristo a sua salvação e a sua Redenção».*

Inscrevendo-se nesta perspectiva de salvação, este tema propõe que cada casal cristão descubra com admiração que, logo nas origens, Deus uniu no mesmo acto a expressão do amor do homem e da mulher e o poder de dar vida. Assim, cada um será convidado a deixar-se interpelar pela Palavra de Deus e pela Igreja, a formar a sua consciência relativamente a estas questões tão

delicadas e tão essenciais, a fim de ultrapassar a problemática do permitido e do proibido.

Como escrevia o Padre Bernard Olivier, op, na conclusão do estudo «Evangelizar a sexualidade»<sup>1</sup> realizado em 1991 e 1992 pelas Equipas de Nossa Senhora, impõe-se à Igreja uma das tarefas mais importantes: «*formar cristãos adultos responsáveis, capazes de decidir por si próprios no respeito pelos valores morais*». Esta tarefa está no centro da pedagogia do Movimento das Equipas de Nossa Senhora.

Este tema, a trabalhar em casal e em equipa durante 8 reuniões, pretende ser uma aplicação nesta área particular, rico e sensível, que é o amor conjugal em todas as suas componentes, particularmente na sua dimensão mais íntima, a sexualidade. Tudo isto passa, evidentemente, pelo diálogo em casal, que poderá tomar a forma de um frutuoso «dever de se sentar».

O percurso proposto é o seguinte:

- \* Capítulo 1: o encontro cria-nos;
- \* Capítulo 2: a Palavra interpela-nos acerca da sexualidade;
- \* Capítulo 3: a beleza do acto sexual;
- \* Capítulo 4: as dificuldades da sexualidade;
- \* Capítulo 5: a fidelidade;
- \* Capítulo 6: a consciência;
- \* Capítulo 7: a fecundidade;z
- \* Capítulo 8: a santificação do nosso amor.

Em cada capítulo encontraremos:

- testemunhos;
- elementos de reflexão;
- questões a debater em casal e em equipa;

<sup>1</sup> «Evangelizar a sexualidade»: Uma equipa internacional formada por membros das Equipas de Nossa Senhora reuniu e resumiu as respostas de 11 000 equipistas do mundo inteiro que tinham aceitado estudar este tema proposto pelo Movimento na linha do Segundo Fôlego, lançado em Lourdes em 1988, e responder às perguntas formuladas; os equipistas exprimiram-se em verdade, tendo sido garantido o anonimato das respostas.

- uma oração tirada do Cântico dos Cânticos <sup>2</sup> ou do Novo Testamento;
- um ou vários textos de acompanhamento.

### **O Cântico dos Cânticos**

*“É um cântico de amor dialogado. Duas vozes principais — a do homem e a da mulher — intervêm equilibradamente para falarem do desejo, da busca apaixonada do outro, da admiração diante da sua beleza, da dor da ausência, da alegria da mútua pertença, dos fugidios instantes de felicidade. As maravilhas da Criação são convocadas para exprimir a força do amor: a delicada beleza das plantas, a benfazeja sombra das árvores, o odor saturante dos perfumes, as delícias dos jardins, a doçura dos frutos, a frescura pura das nascentes e das fontes, o esplendor das pedras preciosas, a graça dos animais, a embriaguez do vinho. Todo o Cântico está repassado de uma atmosfera sensual. Mergulha-nos no esplendor da Criação anterior à Queda. Eis-nos, como Adão e Eva, hóspedes do jardim das origens”.*

*“Deste canto de amor por excelência (a repetição da palavra cântico indica um superlativo) foram feitas diversas interpretações: amor entre Deus e Israel, entre Cristo e a Igreja, leitura mística ... As várias leituras não se excluem. Em todo o caso, o Cântico mostra-nos que a Bíblia não receia cantar o amor humano e fazer dele a linguagem suprema da revelação divina, o que, conseqüentemente, confere a este amor uma grande dignidade e um grande valor. O amor e a sexualidade não são realidades más nem vergonhosas, uma vez que são adequadas para falar de Deus e do seu plano de amor para o homem”.*

(Jacques de Longeaux, *Amour, Mariage et Sexualité*, Ed. Mame / Le Cerf, p. 64)

<sup>2</sup> *Cântico dos Cânticos*, tradução do hebraico do Padre José Tolentino Mendonça. Edições Cotovia Lda., Lisboa, 1997.

---

No fim do livro, é proposta uma bibliografia não exaustiva, mas cujos elementos poderão esclarecer nos campos psicológico ou fisiológico ou ainda no que diz respeito à medicina.





**«Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe»**

(Gn 2, 24)

---

## CAPÍTULO 1

### O encontro cria-nos

#### TESTEMUNHOS

*«O início, exaltação, descoberta, novidade e facilidade. É uma lufada de oxigênio ou de grisu! Uma maravilha com o desejo louco de união corporal mas também onde tudo começa: a profissão, a responsabilidade, a vida conjugal ... no amor nada é melhor do que o início. Mas depois há que recomeçar... com o mesmo cônjuge».*

*«Quando somos amados, somos reconhecidos pelo outro. Isto é muito importante para avançarmos, para nos realizarmos e para termos confiança em nós próprios».*

*«Lembro-me de um pequeno aperto no coração quando deixei os meus pais e, sobretudo, os meus irmãos mais novos».*

#### ELEMENTOS DE REFLEXÃO

O ser humano realiza o seu destino na relação: «Ninguém é uma ilha que se baste a si própria», disse John Donne <sup>1</sup>, «todo o homem é uma parcela de continente, uma parte do todo»: presta contas a um, é responsável por outro; assim, ninguém pode trabalhar pelo seu autodesenvolvimento sem ter em atenção o vizinho. *A autonomia* implica

<sup>1</sup> Poeta metafísico inglês do século XVII.

não o individualismo em que cada um faz as suas escolhas sozinho e por si mas a capacidade de responder pelos seus actos, antes de mais perante si próprio, mas também perante os outros: a pessoa humana não pode encontrar em si própria o sentido da vida; tem necessidade de alimentar o seu *desejo* de viver, de ser reconhecida, acolhida e aceite pelos outros. Estamos inseridos num tecido de relações que começa logo no primeiro instante da nossa existência no seio materno. Nunca estamos sós; mesmo uma pessoa solitária não pode viver sem contacto com outrem, quanto mais não seja em sonhos, em recordações, por antecipação ... Esse outro «que vem de algures», para nós que somos cristãos, é o Absolutamente Outro, o próprio Deus.

### **«Amo-te, porque preciso de ti»**

O desejo de encontrar prazer no encontro com o outro está na origem de toda o impulso sexual. Resume-se a esta frase: *Amo-te, porque preciso de ti*. Este desejo é a expressão de uma necessidade vital física, do medo da solidão, da preocupação de preencher um vazio.

Quem é a mulher ou o homem que não se lembra do seu primeiro encontro amoroso? Deslumbrante ou lentamente amadurecido, comoveu o coração, mudou os olhares e os gestos, alterou o próprio ritmo da vida: ela, que só estava bem no coração da grande cidade, encontra de repente tempo para um passeio com ele no bosque ou na serra; ele, que não podia privar-se da moto ou do carro, passa a noite no comboio sem outra razão senão a de passar um dia na companhia daquela que adora. Pouco importa quem fez o primeiro gesto ou quem disse a primeira palavra, nada parece faltar à felicidade, o resto do mundo eclipsa-se — dando ou recebendo sou livre para me afirmar e para desabrochar. Aqui estou finalmente adulto, eu próprio, sem sombras.

Nesta primeira fase do encontro amoroso, pouco importa que o outro me conheça ou não verdadeiramente; para mim, o essencial é ser valorizado por ti. Eu é que sou importante. Na história, o sapo diz à princesa: «*Não quero pérolas nem diamantes, basta que me aceites como sou*». Mas esta busca da comunhão com aquele ou aquela por quem sentimos simpatia pode tornar-se angustiante. Quem não sofreu os tormentos nascidos da indiferença, dos silêncios, do ciúme, da rejeição? Na verdade, quando um homem e uma mulher se encontram, acontece por vezes, mesmo que nunca se tenham visto antes, terem a impressão de se conhecerem desde sempre; e, no entanto, o desejo que os impele um para o outro remete-os indefinidamente para si mesmos.

Assim, a atracção física não basta para prolongar indefinidamente o encanto da primeira paixão amorosa, apesar do desejo dos que a vivem de a fazer durar eternamente. A *duração* transforma o prazer de estar apaixonado e, por vezes, corrói-o. Surgem as diferenças. Se a reciprocidade dos impulsos amorosos é, à partida, fonte de descoberta e de enriquecimento, em breve corre o risco de se tornar causa de desencanto, não só por causa da diferença anatómica dos nossos corpos ou dos defeitos que se revelam mas porque o outro não vive manifestamente no mesmo planeta. Aqui e agora estamos bem juntos; mas, ao aprofundarmos o conhecimento do outro, descobrimos os traços que nos separam, as diferenças e as divergências: o outro não vê o mundo, os acontecimentos, o futuro e a felicidade com os mesmos olhos.

As nossas sensibilidades são diferentes, não fomos educados da mesma maneira. Adão desiludido poderia dizer: «Esta não é osso dos meus ossos nem carne da minha carne». Irá ele ficar na sua decepção, ou será que o amor o fará descobrir a capacidade de dar um passo em frente? Esta é a questão crucial que se põe *nesta primeira fase do encontro amoroso*. Estamos ainda longe da *escolha responsável* que consiste em reconhecer o outro como estranho, em lhe dar o direito de fazer as suas próprias escolhas, de ter a sua sensibilidade e os seus gostos, de ter a sua própria percepção da realidade, de fazer as suas opções no mundo em que vive.

#### «Como posso conhecer-te, se não és como eu?»

*O respeito pelo outro*, em toda a amplitude da expressão, é o desafio que resulta da primeira decepção e *que determina a segunda etapa*. Algumas pessoas reagem ao facto de o outro ser diferente, evitando o que consideram uma perigosa ilusão da juventude ou trocando de parceiro por julgarem encontrar o segredo da felicidade na busca de um prazer sem limites. Esgotam-se a procurar o desabrochar da sua personalidade na fruição do instante.

O «Eu» é incontornável: eu sou um ser singular. A minha própria história afasta-me daquele para quem me sinto atraído com o coração e com os sentimentos. É o limite de toda a relação amorosa, relação particularmente frágil de entre todas as formas de relações humanas porque fortemente carregada de emoções.

*A alteridade* — o facto de o outro ser justamente outro, o próprio fundamento da sexualidade — faz surgir esta tensão dolorosa que re-

sulta da impossibilidade de eliminar a diferença radical homem-mulher (eu-tu). O desejo de fusão choca com o reconhecimento do carácter ilusório de uma harmonia total. Estamos prontos a dar na medida em que somos recompensados. Assim que o fascínio dos sentidos se atenua, já não resta senão a satisfação das necessidades vitais. O que se procura não é a abertura, o dom a outrem, mas a segurança do complemento ao que falta: *aqui, agora e já*. Apesar do sedutor atractivo da reciprocidade, o medo da perda das fronteiras individuais impede a convivência profunda do casal.

A comunicação amorosa torna-se, então, deficiente: sentimos aquele que toma lugar na nossa existência ao mesmo tempo como fonte de prazer e como obstáculo à nossa segurança interior. Para que a relação progrida, é preciso que quem ama aceite que o ser amado seja diferente de si próprio.

Por um lado, estou apaixonado e não posso voltar atrás e, por outro, ainda não estou preparado para ligar para sempre o meu destino ao de outra pessoa, com medo de perder o que tinha pensado encontrar: a segurança e um espaço de liberdade.

#### **«Não posso fazer de conta que não existes»**

O outro, o ser amado, chama à responsabilidade. A educação dos pais tem a preocupação de dar sentido a este desejo sexual, e nós interpretamo-lo como a expressão de uma vontade de partilhar tudo, o ser e a relação. Nos nossos dias, a mudança dos costumes numa sociedade plural — em que a vida sexual está isenta das leis naturais da vida reprodutiva — faz com que já não se admita a forma de relação do casal regida pela obrigação moral ou pela má consciência. É preciso passar de uma solidariedade de facto, fundada no sentimento, a uma solidariedade fundada numa decisão de natureza moral expressa por um compromisso e por gestos livres.

Os apaixonados, conscientes da distância que os separa, estão prontos a aceitar-se mutuamente, a descobrir-se, a levantar o véu dos tabus. Actualmente, o maior impedimento à aproximação dos apaixonados reside na presunção daquele que se afirma em detrimento do outro e julga transformá-lo. Brincando aos falsos samaritanos, longe de valorizar o outro, corre o risco de o reduzir a um objecto que, como um espelho, reflecta a sua própria imagem.

Em vez de lisonjear a imagem ideal de si e os seus fantasmas, cada um no casal, para progredir, vai ter que abdicar e saber aceitar a pri-

vação da posse sem medo de perder o domínio sobre o outro. O meu próximo é aquele que me ajuda a ser eu próprio. Com toda a liberdade, um conduz o outro à autonomia: cada um respeita a originalidade do outro, os seus carismas e os seus privilégios, as suas fraquezas e as suas carências.

O percurso dos apaixonados suscita a curiosidade de descobrir o jardim secreto um do outro. Deixando-se cativar como a raposa do *Principezinho*<sup>2</sup>, pode-se abandonar o receio de ser explorado; adquire-se a audácia de enfrentar os riscos do imprevisível e do desconhecido. Pode-se renunciar à protecção paterna, deixar a casa dos pais para ir viver na sua própria geração e alegrar-se com a alteridade do outro: a sua diferença é já não uma ameaça mas uma fonte de curiosidade e de ternura. Consente-se em que o outro tome a liberdade de falar na primeira pessoa do singular. Assim, pela sua intervenção e na ternura, cada um leva o outro a descobrir a sua identidade real, a sua masculinidade ou a sua feminidade, e a afirmar-se na franqueza dessa intimidade. «*O eu desperta para a graça do tu*», diz Marie Balmarty<sup>3</sup>.

Como o homem e a mulher se tornaram sujeitos autónomos, «*comendo cada um, sem falsos pudores, o seu naco de pão e bebendo da sua taça*»<sup>4</sup>, assumindo e respeitando inteiramente as diferenças, a sua aliança já não depende das contingências do desejo, de princípios morais, sofridos ou não integrados, das opções de uma sociedade tecnológica plural que tem a forte marca do imperativo de não dar senão na medida em que se recebe em troca.

#### «Preciso de ti, porque te amo»

É a última fase do encontro amoroso, a da autonomia, do desprendimento atencioso e da solicitude sem nada esperar. Avançando no caminho que escolheram, os apaixonados podem deixar-se arrastar com confiança por uma dinâmica em cujo desenvolvimento já não receiam perder o domínio. Podem finalmente conhecer-se na paixão amorosa, ou seja, nascer juntos no abraço, sair de si próprios para partirem a dois para o futuro, semelhantes mas diferentes. É a metamorfose da realização do desejo que nos faz entrever o absoluto: «*O absoluto só se pode atingir pelo amor, seja ele divino ou humano*»<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> Antoine de Saint-Exupéry, *O Principezinho*.

<sup>3</sup> Marie Balmarty: psicanalista cristã.

<sup>4</sup> Khalil Gibran: escritor libanês (1883-1931).

<sup>5</sup> Jacques de Bourbon-Busset, membro da Academia Francesa.

*O amor vivido desta forma permite que o eu venha ao de cima. Eu posso viver e deixar-te viver, posso fruir os sentidos, mas deixo-te espaço para desabrochares; tu para mim és precioso(a), porque te amo. Só nos tornamos realmente nós próprios graças ao amor do outro.*

Nós, cristãos, que referências encontramos na fé para explicar este processo que permite o crescimento na comunhão de amor de uma relação de duas pessoas completamente diferentes?

## **PERGUNTAS**

### **Para o diálogo em casal**

- \* Que lembramos do nosso primeiro encontro? *(Cada um pode contar a sua versão por escrito e, depois, trocarem)*. De que natureza são as recordações que emergem deste olhar para trás e quais as emoções que as acompanham?
- \* De que maneira esse encontro provocou em nós alguma mudança? Antes de encontrar o outro, para quem ou para quê se dirigiam os nossos interesses?
- \* Apercebo-me todos os dias (talvez várias vezes por dia) que o meu cônjuge é diferente de mim, ora príncipe(princesa), ora sapo ... Quais são as cadeias que nos impedem de nos voltarmos para o futuro numa atitude de confiança total? Como conciliamos as exigências de uma profunda harmonia amorosa com um grande respeito pelo outro? Como reagimos ao facto de a vida a dois nos suscitar renúncias, por vezes difíceis, e em que é que o nosso projecto comum pode ser fonte de plenitude?

### **Para o diálogo em equipa**

- \* Podemos começar por um pôr em comum acerca do nascimento do amor que nos une: como passámos do encantamento dos primeiros dias ao compromisso no sacramento do matrimónio?
- \* O encontro com o nosso cônjuge pode mudar as nossas relações com os outros. Como?
- \* Como é que os outros aceitam o nosso casal e os valores a que adere? Sentimo-nos apoiados ou desencorajados?

## ORAÇÃO

### Texto para a oração da equipa (Jo 1,35-51):

*No dia seguinte, João achava-se lá de novo, com dois dos seus discípulos. Ao ver Jesus que passava, disse: «Eis o cordeiro de Deus!».*

*Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram Jesus.*

*Jesus voltou-Se e, vendo que eles O seguiam, disse-lhes: «Que procurais?». Disseram-Lhe: «Rabi (que, traduzido, significa Mestre), onde moras?».*

*Disse-lhes: «Vinde e vede». Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com Ele aquele dia. Era a hora décima, aproximadamente.*

*André, o irmão de Simão Pedro, era um dos que ouviram as palavras de João e seguiram Jesus. Encontrou primeiramente Simão e disse-lhe: «Encontrámos o Messias» (que quer dizer Cristo). E conduziu-o a Jesus. Fixando-o, disse-lhe Jesus: «Tu és Simão, o filho de João; chamar-te-ás Cefas» (que significa Pedra).*

*No dia seguinte, Jesus resolveu partir para a Galileia e encontrou Filipe. Jesus disse-lhe: «Segue-Me».*

*Filipe era de Betsaida, a cidade de André e de Pedro. Filipe encontrou Natanael e disse-lhe: «Encontrámos Aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas: Jesus, filho de José, de Nazaré».*

*Perguntou-lhe Natanael: «De Nazaré pode sair algo de bom?». Filipe disse-lhe: «Vem e vê!».*

*Jesus viu Natanael vindo até Ele e disse a seu respeito: «Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fraude».*

*Natanael disse-Lhe: «De onde me conheces?». Respondeu-lhe Jesus: «Antes que Filipe te chamasse, Eu vi-te quando estavas sob a figueira».*

*Então Natanael exclamou: «Rabi, Tu és o Filho de Deus, Tu és o Rei de Israel».*

*Jesus respondeu-lhe: «Crês, só porque te disse: “Vi-te sob a figueira”? Verás coisas maiores do que essas».*

*E disse-lhe: «Em verdade, em verdade, vos digo: Vereis o Céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem».*

## TEXTOS DE ACOMPANHAMENTO

### A voz do meu Amado

A voz do meu amado!  
ei-lo que chega  
corre pelos montes  
salta nas colinas  
o meu amado é semelhante a um gamo  
ou a uma cria de gazela  
ei-lo por detrás dos nossos muros  
olha pelas janelas  
espreita pelas frinchas  
fala o meu amado e diz-me:  
Levanta-te minha amada  
minha bela vem para mim!  
pois que o inverno já acabou  
a chuva passou de vez,  
despontam flores na terra  
chegou o tempo das canções  
ouve-se na nossa terra a voz da rola.

*Cântico dos Cânticos capítulo 2, versículos 8 a 12*

### A pessoa, a comunhão e o dom

(Extractos da Encíclica *Mulieris Dignitatem*, 7)

Penetrando com o pensamento no conjunto da descrição de Génesis (Gn 2, 18-25) e interpretando-a à luz da verdade sobre a imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26-27), podemos compreender ainda mais plenamente em que consiste o carácter pessoal do ser humano, graças ao qual ambos — o homem e a mulher — são semelhantes a Deus. Cada homem, com efeito, é à imagem de Deus, enquanto criatura racional e livre, capaz de O conhecer e de O amar. Lemos também que o homem não pode existir «só» (cf. Gn 2, 18); pode existir somente como «unidade de dois», e portanto, em relação a uma outra pessoa humana. Trata-se de uma relação recíproca: do homem para

com a mulher e da mulher para com o homem. Ser Pessoa à *imagem e semelhança de Deus* comporta, pois, também um *existir em relação*, em referência ao outro «eu». Isto preludia a definitiva auto-revelação de Deus uno e trino: unidade viva na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

No início da Bíblia, não se ouve ainda dizer isto directamente. Todo o Antigo Testamento é sobretudo a revelação da verdade sobre a unicidade e a unidade de Deus. Nesta verdade fundamental sobre Deus, o Novo Testamento introduz a revelação do mistério imperscrutável da vida íntima de Deus. Deus, que Se dá a conhecer aos homens por meio de Cristo, é unidade na Trindade: é unidade na comunhão. Desse modo lança-se uma nova luz também sobre a semelhança e imagem de Deus no homem, de que fala o Livro do Génesis. O facto de o homem, criado como homem e mulher, ser imagem de Deus não significa apenas que cada um deles, individualmente, é semelhante a Deus, enquanto ser racional e livre; significa também que o homem e a mulher, criados como «unidade de dois» na sua comum humanidade, são chamados a viver uma comunhão de amor e, desse modo, a reflectir no mundo a comunhão de amor que é própria de Deus, pela qual as três Pessoas se amam no íntimo mistério da única vida divina. O Pai, o Filho e o Espírito Santo, um só Deus pela unidade da divindade, existem como pessoas pelas imperscrutáveis relações divinas. Somente assim se torna compreensível a verdade que Deus em Si mesmo é amor (cf. 1 Jo 4, 16).

A imagem e semelhança de Deus no homem criado como homem e mulher (pela analogia que se pode presumir entre o Criador e a criatura) exprime, portanto, também a «unidade de dois» na sua comum humanidade. Esta «unidade de dois», que é sinal da comunhão interpessoal, indica que na criação do homem foi inscrita também uma certa semelhança com a comunhão divina («communio»). Esta semelhança foi inscrita como qualidade do ser pessoal dos dois, do homem e da mulher, e, conjuntamente, como uma chamada e um empenho. Na imagem e semelhança de Deus, que o género humano traz consigo desde o «princípio», radica o fundamento de todo o «ethos» humano: o Antigo e o Novo Testamento irão desenvolver esse «ethos», cujo vértice é o mandamento do amor.

Na «unidade de dois», o homem e a mulher são chamados, desde o início, não só a existir «*um ao lado do outro*» ou «*juntos*», mas também a existir reciprocamente «*um para outro*».

João Paulo II

## Um encontro

É uma coisa rara e maravilhosa:  
Presença de uma pessoa a outra,  
Presentes um ao outro,  
Enquanto a vida flui de um para o outro.

Mas podemos estar juntos sem nos encontrarmos.  
Podemos viver na mesma casa dia após dia,  
Sentarmo-nos à mesma mesa,  
Ajoelharmo-nos no mesmo banco,  
Ler os mesmos livros,  
Sem nunca nos encontrarmos.

Um encontro é uma coisa rara e maravilhosa,  
Presença de uma pessoa a outra,  
Presentes um ao outro,  
Enquanto a vida flui de um para o outro.

*Jean Vanier*



«E eles se tornam uma só carne»

(Gn 2, 24)

## CAPÍTULO 2

### Do carnal ao espiritual

#### TESTEMUNHOS

*«A consciência da comunidade espiritual e da felicidade completa que se encontra nos momentos de plenitude sexual ajuda a compreender melhor a imagem de um Deus de dom e de total acolhimento, pois a nossa espiritualidade conjugal exprime-se através dos nossos corpos, tal como o Verbo de Deus Se serve da sua humanidade para nos revelar o amor de Deus».*

*«Tenho sentido com acuidade a alegria de acolher a sua presença em mim, de ser invadida pela sua vida, de já não saber onde está o limite entre um e outro, de vibrar ao mesmo ritmo e de conhecer com ele esse momento de inefável felicidade feito, com certeza, de prazer carnal, mas ultrapassando-o em muito para englobar a totalidade dos nossos seres tornados uma só carne.*

*E no próprio centro desse prazer, ou melhor, dessa alegria, mais um vez me falaste de Ti, Senhor! Também Tu — Tu próprio no-lo disseste — desejas unir-Te a nós através do nosso corpo. Se quiseste dar-Te em alimento pelo pão e pelo vinho da Eucaristia, não será para derramar a tua vida no mais íntimo de nós e vivificar com a tua seiva a totalidade do nosso ser?».*

*«As nossas educações humana e religiosa apagaram o nosso corpo e ensinaram-nos, se não a desprezá-lo, pelo menos a reprimi-lo. Temos progressivamente tomado consciência de que o corpo é um suporte vital pelo qual passam espírito e alma. Deus encarnou no corpo de Cristo. De resto, é pelos gestos quotidianos do corpo que recebemos os sacramentos ...».*

## ELEMENTOS DE REFLEXÃO

### O matrimónio, sacramento do casal

(Excerto da conferência do Padre Charles Bonnet proferida no colóquio «*Quel couple pour aujourd'hui?*» — «Que casal para hoje?» — realizado por ocasião do quinquagésimo aniversário da promulgação da Carta do Movimento das Equipas de Nossa Senhora.)

Paradoxalmente, é a utilização pelos profetas da imagem do casamento para descrever a Aliança de Deus com Israel que vai dar ao casal o primeiro lugar no casamento e, dentro deste, a prioridade à fidelidade no amor. Os profetas (Oseías 1, 3; Jeremias 2, 2-3, 1 e 31, 3; Ezequiel 16 e 23; Isaías 50, 1; 54, 5-7; 62, 1-5) vão comparar com o casamento a aliança que une Deus e o povo de Israel. É a história de um casal nem sempre feliz na sua vida a dois por a mulher ser volúvel mas que o homem procura manter contra ventos e marés, pois ele nunca desespera de ver a mulher voltar e de poder recomeçar com ela a grande história de amor outrora iniciada. Mas este casal não tem nada a ver com o casamento tradicional. É uma aliança que diz respeito apenas a duas pessoas, que é concluída pela livre iniciativa do esposo sem intervenção das famílias e sem que esteja em discussão os filhos que hão-de vir. É uma Aliança de amor que depende da benevolência do esposo: «achaste graça diante dele». É uma escolha puramente gratuita, arbitrária mesmo, que não se explica. O esposo não se impõe: propõe e espera com ansiedade a resposta do outro. Espera que o outro o ame de corpo e de coração. O mal do adultério já não é o risco de fazer entrar na família do pai filhos que não são dele, mas de ser sinal de que já não se é dele mas de outro. O dom do corpo diz quem eu amo e quem não amo. O que passa a ter a primazia no casal é a afeição de um ao outro, a fidelidade amorosa.

E é isso que vai fazer a sua fragilidade, pois o amor é «filho da Boémia», como se cantará mais tarde. A história dos amores de Deus e de Israel, seu povo, é uma história tumultuosa. Deus não é muito bem sucedido nas coisas do amor. É muitas vezes um marido enganado e iludido. O povo que Ele ama não cumpre as suas promessas e deixa-se levar ao sabor dos ventos do desejo. Deixa-se continuamente seduzir por algum amor novo. O amor e a duração não se dão bem. Fazer rimar «amor» (*amour*) e «sempre» (*toujours*) é erradamente tranquilizador. Porque o amor enquanto desejo, emoção, paixão, parece, por natureza, votado ao efémero. Precisa de encontrar, a cada instante, a emoção do princípio. A única estação em que se compraz é a primavera.

Assim, para lhe dar consistência e duração, o amor de que aqui se trata não se baseará no prazer de estarem juntos, na emoção, na infinita repetição do «amo-te, amo-te», mas na submissão à vontade do outro, na vontade de fazer a sua vontade. Amar será despojar-se da sua própria vontade para fazer a vontade do outro, despojar-se do seu desejo para se pôr ao serviço do desejo e da expectativa do outro. E, como esta concordância das vontades se quebra muitas vezes, o amor inventa o perdão. É o perdão que dá duração ao amor. Não se trata necessariamente da reconciliação espectacular depois de rupturas espectaculares, mas do facto de voltar a dar-se de novo e ainda mais do que antes. O perdão é «re-dom» e «sobre-dom». Face ao que ameaça, ao que afasta, ao que fere, ao que torna insípido ou arrefece, o perdão aproxima, trata as feridas, aquece. É a oferta de um novo começo, de uma nova primavera, mas de uma primavera que é preciso reanimar continuamente, que não dura senão porque recomeça. (...).

É a partir da realidade deste casal da Aliança que os profetas vão levar o povo judeu a descobrir o que Deus espera do casamento de um homem e de uma mulher. A partir deste momento, as duas realidades estão unidas. É com Deus que o homem vai aprender o que é o casamento. Muito antes de a palavra ter sido inventada, os profetas descobriram como o casal humano era querido por Deus como *sacramento*, sinal visível do seu próprio casal, e como cada casal devia realmente sê-lo cada vez mais. É que não basta formar um casal para ser semelhante a Deus; é preciso que esse casal viva à sua imagem: num amor fiel que se quer para sempre e que, por isso, está sempre pronto a perdoar.

### **Um casal que é uma só carne**

A partir de tradições parcialmente diferentes, o Génesis vai fazer-se eco desta visão dos profetas. Porque se o Génesis é o primeiro livro da Bíblia, os primeiros capítulos não foram os primeiros a ser escritos. Foi preciso tempo para elaborar o essencial destes capítulos, mas, é precisamente pelo que ali se diz, tão essencial e esclarecedor, que foram colocados em primeiro lugar. As imagens do casal apresentadas em cada um dos dois primeiros capítulos não coincidem completamente.

O primeiro relato insiste na fecundidade: “*Sede fecundos, multiplicai-vos*” (Gn 1, 28). O homem recebe todo o poder sobre a criação, mas a sua missão é da mesma natureza. Ele não é senão um elemento de um conjunto chamado a encher um mundo informe e vazio. É preciso que os homens o povoem como já o povoaram as plantas e os animais que lhes são confiados. Há, no entanto, uma frase que destoa;

não é exactamente o «Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança» (Gn 1, 26), porque a semelhança poderia limitar-se a um domínio sobre a criação semelhante ao de Deus. O homem só teria que ser criador e senhor ao jeito de Deus. O que destoa é o objecto da semelhança: «Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou, homem e mulher Ele os criou» (Gn 1, 27). A semelhança já não está no domínio da criação, mas na relação de dois seres diferentes, dos quais nenhum por si é suficiente para assegurar a semelhança com Deus. É em conjunto que se assemelham a Deus. O casal homem-mulher é não já, como nos profetas, imagem da Aliança de Deus com Israel mas imagem do próprio Ser de Deus. O texto poderia mesmo deixar entender que o Deus único não é um Deus solitário, visto que são precisos dois para garantir a semelhança.

Todo o segundo relato vai desenrolar-se na relação homem-mulher. É o centro da história. O homem já não é um elemento de um conjunto que começa antes dele, a fase de uma história que o precedeu e que ele tem o encargo de prosseguir no mesmo sentido. É o começo. Nada existe antes dele; só quando ele é criado é que aparecem a natureza e os animais. Mas nada pode preencher a sua solidão. O seu domínio torna-o ainda mais solitário. Os seres que domina não podem ser seus parceiros justamente porque ele é o seu senhor. A relação só será possível quando o outro for outro como ele próprio, «osso dos seus ossos e carne da sua carne», alguém da sua raça, *da mesma condição, para não dizer da mesma natureza*. Então é possível a relação, o dom ao outro: «Um homem deixa seu pai e sua mãe, une-se à sua mulher, e eles se tornam uma só carne» (Gn 2, 24).

O casamento marca um início: largam-se as amarras. É necessária uma ruptura para que se possa fazer a unidade. Há separação para haver união. «E eles se tornam uma só carne». Se é permitido ver aqui uma alusão à união sexual do casal, o texto ainda diz mais: serão um único ser. Indica a unidade das pessoas, a comunhão profunda entre elas. Agora o horizonte é a unidade a fazer para que os dois sejam um só ser. Há todo um caminho a percorrer para que cada um acabe por considerar o outro como sua própria carne, como alguém inseparável de si próprio, da sua história, dos seus projectos. Trata-se não de fusão mas de comunhão. Continuam a ser dois, ainda que sejam uma só carne. Comunidade do casal e comunidade dos corpos andam a par. A comunidade dos corpos é *sacramento* da comunidade dos seres, significa-a, torna-a palpável e realiza-a.

À imagem da Aliança descrita pelos profetas, trata-se ainda aqui da aliança de um casal que se constitui, longe da família de onde

provém e independentemente da família a que dará origem. É o face a face de um casal nu, que existe por si mesmo.

Todos os elementos estão devidamente apresentados. O Novo Testamento só terá que os retomar e deles deduzir todas as consequências.

### **Não separar o que Deus uniu**

Não pode dizer-se que a reflexão sobre o casamento tenha um lugar importante nos evangelhos e nos ensinamentos de Jesus. Mas, ainda que os episódios que lhe fazem alusão sejam muito breves, um belo futuro lhes está reservado. O que vai ser o núcleo do ensinamento de Jesus a este respeito (Mt 19, 1-9) vai situar-se na linha dos textos do Génesis. É a propósito da fragilidade do casamento que pedem a Jesus que Se exprima. Como parece normal aos que O interrogam que muitos casamentos acabem em divórcio, pedem a Jesus que legisle sobre o divórcio e fixe as suas normas. «Em que condições é legítimo?». A resposta de Jesus parece estar tão em desacordo com o seu tempo como com o nosso. Para os contemporâneos de Jesus, como para os nossos contemporâneos, o divórcio é evidente. A incompreensão a este respeito tem 2000 anos de existência. Ainda que se trate de repúdio e não de divórcio por mútuo consentimento, isso não muda nada ao sentido da resposta de Jesus, que ultrapassa o caso concreto a propósito do qual ela é dada. Ora, ainda que Jesus Se refira aos dois primeiros capítulos do Génesis, do primeiro cita apenas o que diz respeito ao casal — «homem e mulher Ele os criou» — e continua com o segundo: «Um homem deixa seu pai e sua mãe, une-se à sua mulher, e eles se tornam uma só carne». Jesus vai tirar deste texto um conclusão que até então nunca ninguém tinha tirado: «O que Deus uniu, o homem não deve separar». Aqueles que foram uma só carne já não podem voltar a ser duas. A referência aos textos do Génesis omite todas as alusões à fecundidade que se poderiam encontrar em Génesis 1. Não é o bem dos filhos que proíbe o divórcio, mas o bem do casal. A frase «Um homem deixa seu pai e sua mãe, une-se à sua mulher» tem um carácter irreversível. É o casal que está no centro. O facto de remeter para o princípio, para o desígnio de Deus ao criar o casal, mostra que esta afirmação não se dirige apenas ao povo judeu, mas a todos. Deus espera esta indissolubilidade de todos os casamentos e não apenas do casamento dos crentes. Jesus censura a lei judaica pelo facto de, para responder à fraqueza dos homens, ter retirado exigência ao desígnio criador. O que foi concedido à fraqueza humana não se pode fazer passar por lei do casamento para a humanidade. (...).

## Amar como Cristo amou a Igreja

A Epístola aos Efésios em 5, 21-33 une a tradição do Génesis à tradição dos profetas. É ainda a mesma frase do Génesis que está no centro do texto: «Um homem deixa seu pai e sua mãe, une-se à sua mulher, e eles se tornam uma só carne». Mas esta frase já não se aplica ao casal humano, mas ao casal «Cristo-Igreja», como S. Paulo diz logo a seguir: «Este mistério é grande: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja». O casal primordial já não é o casal casado nem o casal original, mas o casal Cristo-Igreja. É este o verdadeiro casal, o casal em que todos os outros se devem inspirar. S. Paulo retoma a tradição dos profetas, mas fazendo uma substituição audaciosa.

O casal tradicional do Antigo Testamento — *Deus e o povo de Israel* — é substituído pelo casal *Cristo-Igreja*. Jesus é apresentado como o Esposo tal como o Deus de Israel, e a Igreja como o novo Israel, o novo povo de Deus. É esta a novidade da fé cristã que podia escandalizar profundamente o povo judaico ao atribuir a um homem um título que se aplica a Deus e ao afirmar que, em Jesus Cristo, Deus concluiu uma nova Aliança que vai muito para além do povo de Israel. Uma vez admitido isto, é a este casal que se aplica em primeiro lugar e em toda a verdade a frase do Génesis. Jesus deixou o seu Pai para Se unir à Igreja e com ela ser um só corpo. São estas as verdadeiras núpcias, as que Ele concluiu na Cruz ao entregar-lhe o seu Corpo. Ele entregou-Se por ela. Deu-lhe o seu corpo para com ela ser um só corpo. O mistério da Cruz é o mistério nupcial por excelência. E o memorial da Cruz, a refeição Eucarística, também participa deste mistério das núpcias. Cristo entrega o seu corpo para ser conosco um único Corpo. O que se passa na Cruz e na Eucaristia é o que se passa no casamento: entregar-se integralmente para ser um com aquele a quem a pessoa se entrega. Apenas o dom de Cristo merece tão completamente o nome de núpcias, de sponsais, de aliança.

Mas o que era verdade em relação ao casal Deus-Israel é-o também em relação ao casal Cristo-Igreja. Tal como todo o casamento entre os judeus era chamado a assemelhar-se à Aliança de Israel e do seu povo, assim todo o casamento deverá agora assemelhar-se ao de Cristo e da Igreja. Deve ser à sua imagem e semelhança. Por isso, toda a passagem do capítulo 5 vai insistir continuamente no termo «como». Como um marido cuida da sua mulher, Cristo cuida de nós; da mesma forma, *os maridos devem amar as suas mulheres como Cristo amou a Igreja*. Amar como Ele, não dominando mas *entregando-se, consagrando-se totalmente a ela*. Como Cristo, a sua preocu-

pação deve ser a santificação da sua mulher, a sua completa semelhança ao Deus santo. Trata-se de deixar de se centrar em si para se centrar nela, de se entregar a ela como Cristo Se entregou. Amai-a como vos amais a vós mesmos, porque sois uma só carne. Paulo dá todo o seu peso a esta expressão: uma vez que os dois são uma só carne, *amar a sua mulher é amar-se a si mesmo*, é querer o bem do outro como o seu próprio bem, ter afeição ao outro como se tem a si próprio. O que é bom para o outro é bom para mim; amar o outro faz parte do amor por si próprio; é a melhor maneira de se amar a si próprio. (...).

### **Entregar o seu corpo para serem um só corpo**

Se os esposos se amam assim, são sacramento do casal primordial que é o casal Cristo-Igreja. Fazem existir visivelmente aos olhos de todos o vínculo nupcial que une Cristo e a Igreja. Mas não o são apenas amando-se com o coração, podem sê-lo também a um nível mais real e muitas vezes esquecido, unindo-se fisicamente um ao outro. Ser uma só carne não significa apenas ser um só ser, um só coração, mas também um só corpo. Também aqui revivem algo da união de Cristo e da Igreja. Cristo realiza as núpcias, não só amando a Igreja como o seu próprio corpo, rodeando-a de cuidados, santificando-a e alimentando-a, mas também entregando-lhe o seu corpo para com ela ser um só corpo. Esta união que Cristo realizou na sua morte e ressurreição é proclamada e tornada presente na Eucaristia. Na Eucaristia, Cristo entrega-nos o seu corpo para ser um só Corpo com todos aqueles que se hão-de unir ao seu Corpo.

Todo o casamento é imagem, *sacramento*, desta Aliança. Entregando o seu corpo àquele ou àquela que ama para serem um só corpo, cada um dos esposos revive alguma coisa da Aliança eterna de Cristo e da Igreja. A união sexual em que se realiza e se cumpre o casamento é *sacramento*, no sentido em que participa da realidade do dom que Cristo faz à Igreja para com ela ser um só corpo. Um homem e uma mulher são *sacramento* da união de Cristo e da Igreja não apenas quando se amam como Cristo amou a Igreja, mas também quando se unem como Cristo Se une à Igreja ... A união sexual, e não apenas o amor conjugal, é *sacramento*. É o amor conjugal na sua totalidade, sem excluir a sua dimensão corporal, que é *sacramento*. Para S. Paulo e para a Igreja, este dom do corpo é tão bom que Deus não hesita em fazer dele a imagem do seu próprio dom.

Hesitei muito antes de dizer isto, talvez com receio de fazer S. Paulo dizer demasiado, mas talvez também com receio de escandalizar: como é que uma realidade tão pouco espiritual, dirão alguns, pode ser comparada com o mistério do Calvário e da Eucaristia? Mas não será esta reacção desprezo inconsciente pelo corpo e pela sexualidade, incapacidade de acreditar que a união sexual é da ordem do espiritual? S. Paulo já disse isto nas entrelinhas em 1 Cor 6, 15-17. Depois, descobri que grandes teólogos do passado também tinham pensado o mesmo. Hincmar de Reims, em pleno século IX, escreveu referindo-se a Santo Agostinho e a S. Leão: «As núpcias não têm em si o mistério de Cristo e da Igreja se, como diz Santo Agostinho, não forem vividas conjugalmente, ou seja, se não houver união sexual. S. Leão demonstra que assim é dizendo: “A sociedade conjugal foi estabelecida logo no princípio do mundo para que na conjunção dos sexos fosse inscrito o mistério de Cristo e da Igreja”» (Carta 22, citada por Mathon, *Le mariage des Chrétiens*, T. 1, p. 152). Poderíamos encontrar em João Paulo II reflexões semelhantes.

Compreende-se, assim, o profundo respeito da Igreja pela união de amor de um homem e de uma mulher. Se a união dos corpos tem por vocação significar e actualizar a união de Cristo e da Igreja, já não pode ser um gesto banal, o contacto rápido de epidermes à procura de um prazer efémero, ou um gesto de afeição banal entre amigos. É, pelo contrário, sinal do dom total ao outro. O corpo diz a quem pertence o coração: onde está o teu corpo, aí está o teu coração. Só damos o nosso corpo àquele ou àquela com quem tivermos feito aliança. Dar o nosso corpo ao outro é o dom supremo. O corpo é aquilo que damos em último lugar, quando tivermos ido até ao extremo do amor e tivermos decidido dar-nos para sempre. Como fez Cristo: «tendo levado o seu amor por eles até ao extremo ... disse-lhes ... Este é o meu corpo que será entregue ... pela nova e eterna aliança».

Para a Igreja, este dom só pode vir em último lugar, quando o casal tiver decidido que os dois hão-de percorrer juntos até ao fim o caminho que juntos iniciaram. É sinal de um dom total, conclusão de uma Aliança para sempre; se não, é prematuro, em todas as acepções do termo (tem lugar demasiado cedo e é imaturo) ou, ainda pior, mentira. Dou o meu corpo mas não me dou: quando muito, empresto-me. Este dom não compromete em nada. O dom do corpo é, pois, essencial para que o casamento seja verdadeiramente sacramento da Aliança de Cristo e da Igreja. (...).

Padre Charles Bonnet <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Superior provincial dos Padres de Saint-Sulpice, Superior do Seminário de Issy-les-Molineaux, professor de teologia moral.

## PERGUNTAS

### Para o diálogo em casal

- \* Em que circunstâncias nos aconteceu associar o nosso corpo à ideia de dom (por exemplo, palavra, sorriso, dom da vida, etc ...)?
- \* «Glorificai a Deus no vosso corpo» (1 Cor 6, 20). O facto de Cristo ter dado à humanidade o seu corpo como o dom último e mais importante tem-nos ajudado a exaltar o nosso corpo e o do nosso cônjuge?

### Para o diálogo em equipa

- \* Que passagem da Bíblia mais gostaríamos de meditar para nos ajudar na nossa vida sexual conjugal ou para reflectirmos no significado que damos ao corpo?
- \* «O Deus único não é solitário» (Maurice Zundel). Em que é que a relação de amor entre o homem e a mulher ajuda a perceber a relação de amor do Deus trinitário?

## ORAÇÃO

### Texto para a oração da equipa (Jo 2, 1-12):

*No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus foi convidado para o casamento e os seus discípulos também. Ora, não havia mais vinho, pois o vinho do casamento tinha-se acabado. Então a mãe de Jesus disse-Lhe: «Eles não têm mais vinho».*

*Respondeu-lhe Jesus: «Que queres de Mim, mulher? A minha hora ainda não chegou».*

*Sua mãe disse aos serventes: «Fazei tudo o que Ele vos disser».*

*Havia ali seis talhas de pedra para a purificação dos judeus, cada uma contendo de duas a três medidas. Jesus disse-lhes: «Enchei as talhas de água». Eles encheram-nas até à borda. Então disse-lhes: «Tirai agora e levai ao mestre-sala».*

*Eles levaram. Quando o mestre-sala provou a água transformada em vinho — ele não sabia de onde vinha, mas sabiam os serventes que haviam retirado a água — chamou o noivo e disse-lhe: «Todo o homem serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados, serve o inferior. Tu guardaste o vinho bom até agora!».*

*Esse princípio dos sinais, fê-lo Jesus em Caná da Galileia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram n'Ele.*

*Depois disso, desceram a Cafarnaúm, Ele, sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, e ali ficaram alguns dias.*

#### **Outro texto**

Ah! Se fosses meu irmão  
amamentado por minha mãe  
ao encontrar-te fora, beijar-te-ia  
sem censura de ninguém  
eu te levaria a casa de minha mãe  
e tu me iniciarias  
dar-te-ia a beber vinho perfumado  
mosto das minhas romãs.  
A sua mão esquerda  
está debaixo da minha cabeça  
e com a direita me abraça.

*Cântico dos Cânticos, capítulo 8, versículos 1 a 4*



**«Deus viu tudo o que tinha feito: E era muito bom»**

(Gn 1, 3)

### CAPÍTULO 3

## O acto sexual é bom

### TESTEMUNHOS

*«A vida sexual impregna permanentemente os outros momentos da vida; a vida sexual é uma base incontornável da vida do casal; é impossível dissociar a vida sexual do nosso estilo de vida ou, muito simplesmente, da nossa vida (...).»*

*«Para nós, a união carnal é sempre uma festa, e quem diz festa diz mais qualidade do que quantidade. Festa, gratuidade e generosidade são três qualidades do acto sexual. Se elas estão realmente presentes na nossa sexualidade, ficamos felizes, cheios de uma grande alegria que ressoa na nossa vida social e profissional, e vice-versa. Isto não é fácil, mas é um caminho de felicidade. É preciso dizê-lo e voltar a dizê-lo à nossa volta. Se ninguém disser isto aos jovens, muitos deles nunca saberão que há outras relações para além da procura apenas do próprio prazer, e que essas relações preenchem a vida de outra forma!»*

*«Nos momentos mais intensos de plenitude sexual, descobrimos que a alegria e o júbilo desse encontro são uma manifestação do amor de Deus. O encontro carnal transforma-se numa espécie de oração e de acção de graças».*

*«Os momentos de plenitude sexual fazem-nos perfeitamente felizes sem desejar mais nada. Pensamos na atitude dos Apóstolos por ocasião da Transfiguração: não pedimos mais do que contemplar; viver sempre daquela serenidade, daquela paz, da-*

*quela plenitude. A plenitude sexual abre-nos à contemplação, ténue antevisão do que havemos de viver sem fim na glória de Deus».*

*«Nesse momento em que me realizo plenamente como mulher, sinto uma imensa necessidade de agradecer a Deus tanto amor e tanta satisfação. Então, sinto o seu amor, a sua bondade. Ao mesmo tempo, penso em tantos casais que têm graves problemas de relação, que não encontram aí a sua complementaridade. Penso que essa hora bem vivida nos dá força para todo o dia porque nos sentimos unidos e receptivos. É por isso que dou graças a Deus».*

## **ELEMENTOS DE REFLEXÃO**

«Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom» (Gn 1, 31). Deus maravilha-Se com toda a criação, é claro, inclusive com a criação do homem e da mulher, com o seu destino a serem fecundos, o que supõe a nossa sexualidade. Maravilhemo-nos nós também com a bondade do acto sexual.

No primeiro capítulo, dirigimos o olhar para a primeira abordagem, o encontro, que nos surpreende, nos deslumbra, nos muda e, mesmo sem darmos por isso, nos «cria». Deus tem alguma coisa a dizer a respeito da aventura humana e espiritual desse casal que se vai criar para sempre. O acto criador do casal (sem o qual o casamento não existe) será o encontro carnal, etapa fascinante, verdadeiramente «vertiginosa», de que tratamos neste capítulo.

É normal que todas as formas de reflexão, de representação, de organização, se tenham apoderado deste acto «incontornável»: formas literárias (poesia, romance, teatro ...), formas artísticas (escultura, pintura ...), formas institucionais (Igrejas, administrações ...), etc. Cada um de nós pode ter sido tocado por esta ou aquela forma de representação, por este ou aquele livro; como nos orientarmos no meio desta abundância?

Para avançarmos na nossa reflexão, apoiamo-nos em dois documentos: o primeiro é uma recolha do Padre Joseph Wresinski, já citado; o segundo é um livro de Xavier Lacroix, *O corpo e o espírito*.

Em contacto com os mais desfavorecidos, o Padre Joseph Wresinski realça a grandeza da sexualidade, que se mantém quaisquer que sejam as condições de vida que a possam desfígar. Reteremos aqui apenas algumas da suas reflexões:

*«Através de todo o acto sexual, o homem procura criar. É por isso que não se pode dizer que um homem se lança para os braços de uma mulher. Ele lança-se para os braços de uma transformação (...) daquilo em que gostaria que a mulher que encontra se transformasse (...). A sexualidade é o momento mais extraordinário de tudo o que um homem vive. É por isso que ela tem tanta ressonância. Leva o homem àquilo a que eu chamo a vertigem criadora de Deus. Se há momento em que o homem está mais profundamente unido a Deus, é no acto sexual. Não só porque pode criar um novo ser mas porque o acto sexual é o acto fundamental pelo qual um homem e uma mulher se criam, se criam à imagem da fonte de que saem. E seja qual for o Deus desse homem ou dessa mulher, eles farão o que Deus fez ao criar o homem e o universo. A sexualidade introduz-nos no universo (...).*

*Porquê ter reduzido a sexualidade ao nível da carne, quando o amor nos introduz na tomada de posse do universo? Às vezes penso que, para o homem, a maravilha da mulher é ela representar a primeira experiência de criação que ele pode fazer. Nela, ele encontra o face a face que lhe vai permitir esse confronto com outrem pelo qual deverá passar na sua necessidade de se completar. Através da mulher, ele fará a aprendizagem da criação (...).*

*A mulher que foi despertada para a possibilidade de completar um homem, de dar ao mundo um homem completo, e de ela própria passar a ser eternamente mulher, introduzindo-se assim na eternidade com o filho que há-de nascer, não ampliará essa mulher, de repente, todas as dimensões da sua alma? Uma mulher que descobriu que pode criar outro ser pode rezar e pode ajoelhar-se diante de Deus. Ela aprendeu o amor».*

Xavier Lacroix <sup>1</sup> responde à crítica feita ao cristianismo por um certo desprezo pelo corpo; a religião da Encarnação, do “*Glorificai a Deus no vosso corpo*” de S. Paulo (1 Cor 6, 20), não merece essa

<sup>1</sup> Xavier Lacroix: leigo casado, membro das Equipas de Nossa Senhora, Decano da Faculdade de Teologia de Lyon.

suspeição. Paralelamente a esta atitude, o autor desenvolve os aspectos mais sensíveis da sexualidade:

\* **o nascimento do desejo:** *«O corpo apreendido na beleza mantém-se à distância. E é só na sua aparência que ele é percebido. Ora, há momentos em que o desejo se revela menos desinteressado, em que não se contenta com a aparência, em que visa a substância, o contacto com a carne enquanto tal, na sua densidade e na sua vida sensível (...) sob o olhar desejoso, a carne surge ao mesmo tempo como próxima e distante, perceptível e imperceptível, pessoal e impessoal. Ao mesmo tempo, material e habitada por uma vida transcendente, está entre o estatuto de coisa e o de sujeito. Tepidez, doçura, frescura, firmeza, qualidades sensíveis da matéria, mas também vibrações, palpitação, respiração de uma vida que vem de tão longe, portadora de mistério ... Nela a pessoa do outro parece ao mesmo tempo entregar-se e retirar-se. Pressinto aí como que um infinito no finito»* (p. 23-24).

\* **a ternura:** *«muitas vezes associada à experiência do desejo, mas não se confundindo com ela, a experiência da ternura passa também pela carne (...) a ternura é como uma fraqueza, uma ruptura com a dureza ou com as relações de força que, pouco ou muito, caracterizam as relações sociais. Não se diz “ter um fraquinho por”? O coração de pedra torna-se coração de carne. O outro torna-se querido ao converter-se em carne, tal como se torna carne ao tornar-se querido. A ternura carnal é o reconhecimento mútuo de duas fraquezas, entrada em ressonância de duas fragilidades (...)»* (p. 24-25).

*«Mas a união não é apenas sensações. É também, e talvez ainda mais fundamentalmente, um conjunto de gestos. Ora, estes não são apenas meios para se chegar a um fim previamente determinado, que seria o orgasmo. Eles próprios são actos, ou seja, têm sentido em si, são uma linguagem»* (p. 41).

\* **os nossos gestos de ternura:** Os nossos gestos de ternura *«não são só nossos delegados ou nossos instrumentos, são nós próprios, ou antes, neles encarnamos e agimos»* (p. 42).

- **A carícia:** *«A carícia não é só contacto ou tentativa de apropriação (pôr a mão sobre o outro). Mais profundamente, isto é, mais autenticamente, é celebração do corpo do outro, acção de lhe dar forma. Consiste em passear sobre o seu corpo, à superfície da sua pele a fim de sentir e de o ajudar a sentir a sua pro-*

*fundidade. Por isso é, ao mesmo tempo, tentativa de apropriação ou, pelo menos, de domínio, e experiência de que nem o outro nem o seu corpo estão em meu poder ou na minha posse. Experiência de despojamento na maior das proximidades. O corpo do outro, na sua carne, está ali, debaixo da minha mão; no entanto, ele continua a ser outro, portador de uma vida que sinto vibrar nele mas que se mantém para sempre fora do meu poder.*

*É por isso que a carícia é desejo, ou antes, é a linguagem própria do desejo. É uma busca que não sabe o que procura, sem objectivo preciso, sem projecto nem plano. Passeio livre sobre o corpo-paisagem, com os seus vales, as suas planícies, as suas colinas. Mas esta paisagem prolonga um rosto, é habitada por alguém que eu não vejo, demasiado perto para ser visto, mas que tento atingir através da sua própria face escondida, da sua carne, tão próxima, tão tenra e tão consistente, ao mesmo tempo penetrável e impenetrável. É a acção do desejo porque é também expectativa (...).*

*Carícia (caresse) não rima só com ternura (tendresse), mas também com promessa (promesse). Também se pode perceber a carícia como domínio dos dois sexos um pelo outro: do homem pela mulher e da mulher pelo homem».*

- **Abraçar:** «No primeiro sentido do termo, “abraçar” é “rodear com os braços”. Isto significa que primeiro os abri para acolher o outro e depois os fechei para o receber realmente. No meu espaço próprio, no meu espaço íntimo, preparo-lhe um lugar; no sentido em que preparo um lugar, dentro do meu, para o seu próprio espaço íntimo. Assim é posta em gestos uma vitória sobre a distância, bem como sobre a relação de confronto. A luta pode não estar longe, no tempo ou na semelhança dos gestos — fala-se de “luta amorosa” —, mas, quando é verdadeiramente amorosa, o abraço traduz a superação da violência e o acesso a uma relação de reciprocidade consentida, em que se passa da dureza do choque das existências a uma outra modalidade do ser: a ternura, em que se trata sobretudo de se reconhecer como vulnerável, esperando a salvação da admissão da sua fraqueza. Já não se trata de se confrontar mas de se rodear; já não se trata de ver qual dos dois é mais forte mas de se apertarem um contra o outro. Já não se trata de agir contra

*mas de estar de encontro ao outro, “bem contra”, para resistirem juntos dos tormentos da vida».*

- **O beijo:** *«Poisar os lábios na pele ou nos lábios do outro ... O que poderia ser um acto de voragem (não serve a boca, em primeiro lugar, para absorver?) passa a ser, pelo contrário, a expressão de uma vitória sobre o apetite. Mais do que devorar-se seria beber, como se bebe por uma taça. Depois da palavra, o regresso às fontes da palavra.*

*No beijo, a proximidade é ainda maior do que na carícia ou no abraço. A pele dos lábios é mais fina e mais sensível do que a das mãos ou dos braços. Rosados e húmidos, os lábios são uma mucosa: a vida interna do corpo a eles aflora, neles quase comunica com o exterior. A boca é uma das aberturas do corpo (...).*

*Abandonar-se ao beijo é vencer o clausura dos corpos, não se contentar em ser prisioneiro do seu “saco de pele”, querer passar para o outro, conhecer o seu gosto, aproximar-se da sua substância. Troca de hálitos, de salivas, jogo das línguas, o aumento do desejo leva à superação da repugnância habitual associada a tais contactos. O beijo nos lábios é um início. Muitas vezes, anuncia e inicia outras trocas entre outras mucosas. Outras vitórias sobre as resistências ou a violência. Outros avanços no sentido da intimidade, outros passos para o ajustamento e para a conjugação dos corpos».*

- **Penetrar:** *«Penetrar, ser penetrada. Actos de hospitalidade, tanto do que recebe como do que é acolhido. No corpo da mulher, o sexo do homem encontra como que uma habitação, um lugar quente e envolvente. Afunda-se numa profundidade em que a sua forma encontra, com a sua justificação, um invólucro. A mulher, aparentemente, é sobretudo receptora; mas ela só vive a união com felicidade se ela própria for recebida; se ela própria encontrar o seu lugar entre os braços do homem e se o próprio dom peniano for receptivo ao seu acolhimento. O masculino experimenta o feminino, e o feminino experimenta o masculino, ambos em si e fora de si. Mas que é feito das fronteiras do interior e do exterior? Cada um ao mesmo tempo rodeia e é rodeado, é envolvente e envolvido. O homem é rodeado no seu órgão sexual central, e rodeia com os seus membros periféricos (braços, pernas); a mulher é envolvente no seu sexo, mas envolvida em todo o seu corpo. Parece então realizar-se um dese-*

jo muito profundo em cada um, o de ser aconchegado. Esse desejo mergulha certamente em experiências infantis muito antigas, mas não se pode — como se faz muitas vezes — reduzi-lo a isso. De facto, o coito não é só a reiteração da infância; como tal, irredutivelmente, é susceptível de tomar um significado novo. Voltado para um/a companheiro/a que não a mãe, não proveniente apenas do passado mas, sobretudo, orientado para o futuro, toma um significado de aliança.

É verdade que aqui mal se trata de expressão. O sentido é subvertido pela sensação. Os movimentos da voluptuosidade subvertem toda a intenção. Sem desdizer as análises anteriores, retenhamos ainda alguns aspectos da diferença entre as formas masculina e feminina de viver o prazer. Na sua vertente masculina, este seria vivido sobretudo como descarga, próximo da violência, mais localizado, mais breve. Na sua vertente feminina, seria vivido sobretudo como irradiação, menos violento, menos localizado, mais lento a vir e a cessar».

\* **Para além da voluptuosidade:** «Uma análise da união que se ficasse por aqui ficaria incompleta. Esqueceria que o coito também é, e inseparavelmente, o acto pelo qual a procriação é, foi ou poderia ser possível. É um acto inseminador, ousemos lembrar. E isto não deixa de ter incidências no seu próprio significado. Trata-se, em primeiro lugar, e não é pouco, de um acto semelhante àquele que deu origem aos próprios protagonistas. A sua memória profunda, o seu inconsciente, dizem os psicanalistas, guardam a sua lembrança (a famosa cena primitiva). Mas também, mais simplesmente, o coito é acompanhado de emissões e de troca de líquidos: secreções vaginais na mulher e emissão de esperma no homem. Estes dados são muito menos insignificantes do que muitas vezes se pensa. A possibilidade de fecundação, se nada for feito para a impedir, faz parte dos dados constitutivos da união. A fecundação seria o termo desta, como se, pela fusão do óvulo com o espermatozóide, ela perpetuasse a unidade frágil e efêmera do coito num ser vivo capaz de se manter. Por último, não é, como diz a sabedoria judaica, no filho que o homem e a mulher são uma só carne?»

Lembremos também aquelas palavras de João Paulo II <sup>2</sup>: «A união dos corpos foi sempre a linguagem mais forte com que dois seres se podem dizer um ao outro».

## PERGUNTAS

### Para o diálogo em casal

- \* Perguntar um ao outro: Que queres que eu mude na minha atitude para que o encontro sexual aumente o nosso amor?
- \* Cada um diga ao outro o que lhe parece importante na preparação e na realização do encontro conjugal: afeição, preparação sentimental durante o dia, pensar no outro mais do que em si próprio, espiritualidade. Que poderiam ainda acrescentar?
- \* Sente-se inspirado/a para escrever um poema ao seu cônjuge ou, pelo menos, a ler-lhe um? (Ó talentos desconhecidos ...!).

### Para o diálogo em equipa

- \* Pela nossa alegria de casais na nossa aventura conjugal, deixemos brotar em nós uma oração de louvor e de acção de graças.
- \* Como apresentar aos jovens uma visão ao mesmo tempo optimista e realista da sexualidade?

## ORAÇÃO

### Texto para a oração da equipa (Ef 5, 25-33):

*“Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela, para a santificar, purificando-a, no banho da água, pela palavra. Ele quis apresentá-la esplêndida, como Igreja sem mancha nem ruga, nem coisa alguma semelhante, mas santa e imaculada.*

*Assim devem também os maridos amar as suas mulheres, como o seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo. De facto, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo; pelo contrário, alimenta-o e cuida dele, como Cristo faz à Igreja; porque nós somos membros do seu corpo.*

*Por isso, o homem deixará o pai e a mãe, unir-se-á à sua mulher e serão os dois uma só carne.*

*Grande é este mistério; mas eu interpreto-o em relação a Cristo e à Igreja.*

*De qualquer modo, também vós: cada um ame a sua mulher como a si mesmo; e a mulher respeite o seu marido.”*

<sup>2</sup> Parque dos Príncipes, Paris, 1980.

## TEXTO DE ACOMPANHAMENTO

### Ah és bela minha amiga

Ah! és bela minha amiga  
defeito não há em ti.  
Vem do Líbano, esposa minha  
vem comigo do Líbano  
descerás do cimo de Amaná  
do cume de Senir e do Hermon  
dos esconderijos dos leões  
dos barrancos dos leopardos.  
Roubaste-me o coração  
minha irmã minha esposa,  
roubaste-me o coração  
com um só dos teus olhares,  
com uma só conta dos teus colares.  
Que doces são tuas carícias  
minha irmã minha noiva,  
as tuas carícias são melhores do que vinho  
a fragrância de teus perfumes  
é melhor do que todos os odores  
teus lábios são favos escorrendo ó minha esposa,  
tens mel e leite sob a tua língua  
e o aroma dos teus vestidos  
é como o aroma do Líbano.

És jardim fechado,  
minha irmã, minha esposa  
um jardim fechado uma fonte selada.  
As tuas plantas um bosque de romãzeiras  
com frutos deliciosos  
com cipros, nardos e açafão  
cálamo e canela  
e toda a sorte de árvores de incenso  
mirra e aloés  
e os bálsamos escolhidos.  
A fonte do jardim é cisterna de água viva  
que jorra desde o Líbano.

*Cântico dos Cânticos, capítulo 4, versículos 7 a 15*

**Excertos do discurso de Paulo VI às Equipas de Nossa Senhora,  
Roma, 4 de Maio de 1970**

*«De facto, o dom não é uma fusão. Cada personalidade mantém-se distinta e, longe de se dissolver no dom mútuo, afirma-se e purifica-se, cresce ao longo da vida conjugal segundo essa grande lei do amor: darem-se um ao outro para se darem juntos.*

*O amor é, com efeito, o cimento que dá solidez a esta comunidade de vida e o impulso que conduz a uma plenitude sempre perfeita. Todo o ser participa nisto, nas profundezas do seu mistério pessoal, e das suas componentes afectivas, sensíveis, carnis e espirituais, até constituir cada vez melhor aquela imagem de Deus que o casal tem por missão encarnar ao longo dos seus dias, tecendo-a com as suas alegrias e com as suas provações, de tal modo que o amor é mais do que o amor.*

*Não há amor conjugal que não seja, na sua exultação, impulso para o infinito e que não se queira, no seu impulso, total, fiel, exclusivo e fecundo (cf. *Humanae Vitae*, 9).*

*É nesta perspectiva que o desejo encontra o seu significado pleno. Meio de expressão tanto como de conhecimento e de comunhão, o acto conjugal mantém e fortifica o amor, e a sua fecundidade leva o casal ao seu desabrochar pleno: torna-se imagem de Deus, fonte de vida.*

*O cristão sabe que o amor humano é bom na sua origem, e se for, como tudo o que há no homem, ferido e deformado pelo pecado, encontra em Cristo a sua salvação e a sua Redenção. De resto, não é esta a lição de vinte séculos de história cristã? Quantos casais encontraram na sua vida conjugal o caminho da santidade, nessa comunidade de vida que é a única fundada num sacramento!»*

Paulo VI

**A dimensão esponsal do corpo<sup>3</sup>**

*«O corpo humano, orientado interiormente pelo “dom sincero” da pessoa, não só revela a sua masculinidade ou a sua feminidade no plano físico mas revela também um valor e uma beleza tais que ultrapassam a dimensão simplesmente física da “sexualidade”. Assim se encontra completada em certo sentido a consciência do significado esponsal do corpo, ligado à masculinidade-feminidade do ser huma-*

<sup>3</sup> Discurso de João Paulo II (16 de Janeiro de 1980).

no. Esse significado indica, por um lado, uma capacidade particular de exprimir o amor em que o ser humano se torna dom; por outro lado, esse ser humano possui a capacidade e a profunda disponibilidade para “a afirmação da pessoa”, isto é, literalmente, a capacidade de viver o facto de o outro — a mulher para o homem e o homem para a mulher — ser, através do corpo, alguém que é querido “por si mesmo” pelo Criador, ou seja, único e singular, alguém que é escolhido pelo Amor eterno».

João Paulo II

#### **O abraço**<sup>4</sup>

*«A linguagem mais elevada, a plenitude espiritual do corpo a corpo. Por ti, contigo, junto de ti, vivi o corpo a corpo de duas almas. Só o corpo a corpo dá ao diálogo das almas a sua força e a sua plenitude. Descobrimos juntos o segredo: o abraço é a aventura extrema do espírito. O rosto do outro torna-se o rosto do mundo. Desfaz-se e recompõe-se como fazem as paisagens de vento e de sol. A sombra dissipa-se sob os rasgos do desejo. A luz do corpo amado treme, junta-se e expira na alegria que tudo cobre, como o mar cobre a areia na maré alta. O rosto do amante afoga-se nas algas do cabelo. As margens femininas encerram o rio masculino. O próprio diálogo do amor revela a mística da eternidade.*

*O misticismo do sexo é uma fórmula oca. Em contrapartida, como negar o poder místico do abraço, em que as forças de vida se juntam, se ajustam, se desposam num impulso que é o do pensamento à procura de outro pensamento, da angústia à procura de outra angústia, do próprio espírito frente ao mundo do qual se sabe ao mesmo tempo demiurgo e reflexo? Os corpos que se estreitam não ignoram que são instrumentos de uma exigência que os ultrapassa. Tudo o que conta está em jogo nessa cumplicidade com laivos de combate. O clarão que brilha ao fim do confronto é o clarão discreto do absoluto. Um instante pode extingui-lo. Um instante também pode transformá-lo em fogueira.*

*Logo no primeiro dia, tinhas sentido que nesse país fascinante e temível era necessário o máximo pudor. O que podia parecer afectação de pudor era, da tua parte, instinto muito seguro. Quando o essencial está em causa, o próprio bom humor se torna grave. O tom da brincadeira de mau gosto ou o da precisão anatômica não é muito*

<sup>4</sup> Jacques de Bourbon-Busset, *Lettre à Laurence*.

*conveniente nesses momentos que transcendem a duração e cintilam como estrelas na noite do quotidiano. Sabias, pelas tuas entoações e pelos teus gestos, aliar a ordem e a desordem, o apruno e a paixão, a altivez e o abandono.*

*O olhar da amante que sucumbe à vertigem é o de uma morta resuscitada, onde a esperança triunfa sobre o medo. No palco do teatro íntimo, a peça que se representa chama-se morte e ressurreição. Nesses minutos em que a união dos corpos é a união das almas, o corpo torna-se alma, e a alma torna-se corpo. A exaltação leva ao desfalecimento, e o desfalecimento é anúncio de uma nova exaltação. Esta alternância de tempos fortes e tempos fracos é o próprio mistério do espírito que conhece, como o coração, a sístole e a diástole. Os movimentos do desejo são os movimentos do espírito. O espírito alimenta-se da glória do abraço (...).*

*Foi sobre esse absoluto do abraço que, dia após dia, construímos a nossa aventura de união sagrada. Vimos sempre no acto de amor o sinal de que era possível estabelecer uma relação absoluta com o absoluto. Os ditos grosseiros e o deboche provam negativamente a seriedade do abraço. Prestam-lhe uma homenagem indirecta ao procurarem reduzir a gestos menospresadores o que o ser humano põe em jogo.*

*Passsei anos a tentar estabelecer uma ponte entre mística e sexualidade. Muita gente se escandalizou ou sorriu. Por que é que o acto de amor do homem e da mulher provoca tanto medo, quando em princípio todos os tabus são violentamente rejeitados? A única explicação é que todos sabem que uma vida sexual feliz é a realização suprema. A infelicidade sexual de muita gente é a razão desse silêncio amedrontado. O abraço abre ao absoluto. O abraço é o infinito abarcado. A glória do abraço é respirar universo.*

*O abraço não procura derrubar as fronteiras que separam os seres. O abraço é a aliança de dois corpos que se servem da sua diferença para irem além do convencional, do banal, do medíocre. A repetição não exclui o excesso, dá-lhe uma estrutura. Durante quarenta anos, esse excesso estruturado foi a linha orientadora da nossa vida.*

*Os corpos têm pena das almas e querem ajudá-las a unirem-se a eles. Há que lhes dar liberdade. O abraço é a mais elevada linguagem do corpo e da alma».*



**«O teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará»**

(Gn 3, 16)

## CAPÍTULO 4

### **Construir juntos uma sexualidade harmoniosa**

#### **TESTEMUNHOS**

*«O homem tende sobretudo a espiritualizar o seu desejo físico e a mulher, a “carnalizar” a sua espiritualidade».*

*«Realidades da vida sexual: uma dura aprendizagem com fracassos, azedumes devidos a desejos não satisfeitos, porque não tínhamos as mesmas necessidades, e também desejos temperados pelo receio do pecado. (...) O acto sexual que cai na rotina é um factor negativo. (...) A nossa união carnal não foi completa nem perfeita senão depois da operação da minha mulher, o que nos leva a dizer que as gerações jovens, com os actuais meios contraceptivos e um volte-face da nossa religião, não vão conhecer as mesmas dificuldades que nós, mas hão-de conhecer outras, pois o êxito da união carnal não é automaticamente garantido».*

*«Nada é adquirido antecipadamente; o desejo da mulher é como um suflê, que pode baixar rapidamente; o homem deve ser o bom cozinheiro que sabe manter o sabor do festim».*

*«O João disse-me: Tenho fome de ti, minha mulher. À noite, quando volto para casa esgotado, é por ti que chamo. Se fazes de conta que estás a dormir, ignorando o meu tormento, volto-me para o outro lado e calo-me.*

*Se resistes, fecho-me, infeliz por te compreender tão mal e ainda mais por te parecer exigente. Porque acontece que o meu*

*corpo te procura com demasiada exigência (...). Se tu soubesses, Mulher, que, quando tenho fome de ti, a minha fome ultrapassa infinitamente o teu corpo: porque para mim tu significas a inexprimível riqueza do nosso amor total, corpo e alma juntos, obra prima do Criador. (...) A mulher, porém, nem sempre pode responder, mas isso não é sinal de desamor. “Porquê hoje? Por que não ontem ou amanhã?”. Não me perguntes, não poderia responder-te. Sei desde o primeiro segundo, desde o primeiro instante em que te aproximaste de mim, que não saberia responder-te hoje. Fica a saber o reverso da medalha: aquela que vibra como uma corda de uma viola não pode vibrar sempre. Respeita os seus cansaços, as suas inapetências, essa sede de paz que se apodera do seu corpo, menos ávido do que o teu. Deixa-a tranquila».*

## **ELEMENTOS DE REFLEXÃO**

Se fosse verdade que a troca dos prazeres ou o desempenho sexual é garantia de felicidade ou de harmonia entre as pessoas, isso ver-se-ia e saber-se-ia.

*«Lugar da maior intimidade, a união carnal é também o lugar dos maiores mal-entendidos. Não é certo que o homem e a mulher procurem a mesma coisa no encontro; muitos são os que sofrem com este desfasamento: um procura sobretudo o prazer e o outro, a ternura, por exemplo. Dar prioridade ao valor ternura pode também fazer esquecer as afinidades do prazer com a violência. A linguagem dos gestos de ternura, por exemplo, não é tão simples ou tão límpida como se pensa; acariciar é celebrar, mas também pode ser tentar possuir; abraçar é acolher, mas também pode ser cercar; o abraço pode ser sufocação, o beijo, devoração, a penetração, arrombamento. Entre a união consentida e a violação há toda uma gama de gradações»<sup>1</sup>.*

Como diz Inès Péliissié du Rausas<sup>2</sup>:

*«(...) assim, a mulher que se sente “despida com o olhar” experimenta esse olhar como perturbação, porque é um olhar sobre o seu*

<sup>1</sup> Xavier Lacroix, *O corpo e o espírito*, col. Vida Cristã, p. 33.

<sup>2</sup> Filósofa, autora de *O pudor, o desejo e o amor humano* (cf. Revista *Alliance*, n.º 96).

*corpo visto como um objecto, quando ela própria o considera o “seu” corpo. Ela pode mesmo revoltar-se interiormente contra o outro e sentir um ódio profundo, como diz Max Scheler, por aquele que a obriga continuamente à prostituição do seu ser mais profundo, e, o que é mais, sob a aparência de um pretenso dever conjugal. À violência que se exerce sobre ela, tomando-a como objecto, a mulher pode responder com outra forma de violência, quando procura vingar-se do homem através da atitude de passividade, ou com um falso espírito de abnegação que também a faz sofrer. Assim, a avidez de um leva ao ressentimento do outro — da mulher contra o egoísmo e o desejo de domínio do homem, do homem contra o egoísmo e a passividade da mulher. Enquanto o desejo, como desejo sexual, é profundamente desejo de unidade e apelo ao outro, a avidez — a “cupidez” do corpo do outro — leva os seres apenas ao prazer do corpo e ao domínio sobre o outro, e fecha-os na solidão».*

Socorramo-nos agora de alguns comentários do Padre d’Heilly, extraídos do seu livro *Aimer en actes et en vérité*<sup>3</sup>:

*«A pergunta que se deve fazer é esta: Os nossos gestos carnis unem-nos? Se há momento em que um homem e uma mulher se podem sentir a milhas um do outro, esse momento é uma vida carnal falhada. Se há momento em que um homem se pode sentir numa solidão traumatizante, esse momento é uma união carnal em que a mulher não reage. Deve, pois, ter-se presente esta afirmação: “Os nossos gestos carnis não nos unem automaticamente”».*

E, já que amar é essencialmente perceber o comportamento do outro, vejamos os três aspectos importantes do comportamento carnal: o comportamento do marido, o comportamento da mulher e os problemas comuns:

- \* o comportamento do marido: o marido deve ter a preocupação de preparar o coração da mulher, de preparar o corpo da mulher, para chegarem à união profunda, de estar atento a procurar o sincronismo entre os prazeres de cada um.
- \* O comportamento da mulher deve ser ditado pela confiança em si própria e no marido, pela simplicidade (saber participar, desejar, exprimir-se ...), pela generosidade (ser capaz de dar o primeiro passo, de se oferecer, de não ser passiva, de não fazer do marido um mendigo).

<sup>3</sup> Publicado nas Éditions du St. Paul/CLERC.

Com o facto de as escolas serem mistas e de as mulheres acederem cada vez mais aos mesmos lugares que os homens na vida profissional, essas diferenças ter-se-ão atenuado? Não deixa de ser verdade que continua a ser necessário adaptar-se ao comportamento do outro e ter a preocupação de atingir uma certa simultaneidade do prazer. Para ambos, *«trata-se de exprimir os desejos e as aspirações de cada um, bem como as suas reticências e as suas revulsões. Ousar dizer que se existe como pessoa original e autónoma e recusar ser simples objecto sexual para os fantasmas do outro não será criar as condições essenciais a um verdadeiro encontro conjugal?»*<sup>4</sup>.

- \* Os problemas comuns: encontrar uma boa frequência nas relações e visar a qualidade mais do que a quantidade; saber não ter pressa, preparar-se; não considerar uma relação se o amor estiver ausente; começar por restabelecer as condições para uma relação; tender a encontrar Deus nesse próximo tão próximo que está nos nossos braços<sup>5</sup>; ter presente que o acto sexual não é tudo na vida conjugal: há muitas outras maneiras de manifestar ternura, o que exige uma certa criatividade.

Em resumo, para que os nossos gestos carnavais nos unam, convém que sejam respeitadas as exigências psicológicas, fisiológicas e espirituais de cada um. «Há três coisas que me ultrapassam», está escrito no Livro dos Provérbios, «e uma quarta que não compreendo»:

- o caminho da águia no céu;
- o caminho da cobra na rocha;
- o caminho da nave no mar;
- o caminho do homem com a donzela» (Pr 30,18-19).

## **PERGUNTAS**

### **Para o diálogo em casal**

- \* Quais são, na nossa opinião, os principais obstáculos da vida quotidiana a uma união carnal bem sucedida? Como ultrapassá-los?

<sup>4</sup> Padre Michel Legrain, Revista *Alliance*, n.º 96.

<sup>5</sup> Cf. testemunhos do capítulo 3.

- 
- 
- \* Emprestei o meu corpo ao meu cônjuge ou dei-lho realmente? Quais são os sinais que permitem estabelecer a diferença (pensar noutra coisa, fantasmas, etc ...)?
  
  - \* Não acolher, não suscitar o desejo do outro, não será exercer violência sobre ele? Como gerir os desejos sexuais de um para os conciliar com os do outro?
  
  - \* Como proteger-nos das perversões? Que vigilância? Que formas de evitar expormo-nos à tentação?
  
  - \* Como assumimos o nosso corpo (idade, estética, doença ...)?
  
  - \* Como respeitamos o corpo do nosso cônjuge?

**Para o diálogo em equipa**

- \* Que ideia se tem do corpo e da relação de casal, segundo os meios de comunicação, os anúncios, os *top models*? Que imagem de sexualidade é veiculada?
  
- \* Na nossa sociedade, em que tudo se mostra, em que os mecanismos da reprodução e da sexualidade são ensinados nas aulas de biologia, como promover a ideia de que a relação sexual deve ser sempre um acto de amor?
  
- \* Como ajudar aqueles que nos rodeiam e os que se cruzam conosco a viver uma verdadeira relação entre pessoas e não apenas entre epidermes?

## ORAÇÃO

### Texto para a oração da equipa (Gn 3,1-17):

*A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que Yahvé Deus tinha feito. Ela disse à mulher: «Deus disse que vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?».*

*A mulher respondeu à serpente: «Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: “Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte”».*

*A serpente disse então à mulher: «Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, os vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal».*

*A mulher viu que a árvore era apetecível e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe o fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava, e ele comeu.*

*Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e cingiram-se.*

*Eles ouviram o passo de Yahvé Deus que passeava no jardim à brisa do dia, e o homem e sua mulher esconderam-se da presença de Yahvé Deus, entre as árvores do jardim.*

*Yahvé Deus chamou o homem: «Onde estás?», disse Ele.*

*«Ouvi os teus passos no jardim», respondeu o homem; «tive medo porque estou nu e escondi-me».*

*Ele retomou: «E quem te fez saber que estás nu? Comeste, então, da árvore que te proibi de comer!».*

*O homem respondeu: «A mulher que puseste junto de mim deu-me da árvore, e eu comi»*

*Yahvé Deus disse à mulher: «Que fizeste?». E a mulher respondeu: «A serpente seduziu-me e eu comi».*

*Então Yahvé Deus disse à serpente: «Porque fizeste isso, és maldita entre todos os animais domésticos e todas as feras selvagens. Caminharás sobre o teu ventre e comerás poeira todos os dias da tua vida».*

*À mulher Ele disse: «Multiplicarei as dores das tuas gravidezes, darás à luz filhos com dor. O teu desejo te impelirá ao teu marido e ele te dominará».*

*Ao homem Ele disse: «Porque escutaste a voz da tua mulher e comeste da árvore que Eu te proibira de comer, maldito é o solo por causa de ti! É com sofrimento que te nutrirás todos os dias da tua vida».*

## TEXTOS DE ACOMPANHAMENTO

### Eu dormia mas de coração acordado

Eu dormia mas de coração acordado  
a voz do meu amado insiste:  
“Abre minha irmã  
minha amada pomba incomparável  
tenho a cabeça coberta de orvalho  
meus cabelos enchem-se das gotas da noite”  
Já despi a minha túnica  
e vou de novo vesti-la?  
Já lavei os meus pés  
vou sujá-los de novo?  
Meu amado passou a sua mão pela fresta da porta  
e eu já sou puro temor.  
Levantei-me para abrir ao meu amado  
minhas mãos gotejavam mirra,  
meus dedos eram mirra escorrendo  
na aldrava da fechadura.  
Quando abro ao meu amado  
meu amado havia desaparecido  
fora de mim corro atrás das suas palavras.  
Procuro  
e não o encontro.  
Chamo e não me responde ...  
Descobrem-me os guardas  
que fazem ronda na cidade.  
Espancam-me  
ferem-me  
arrancam-me o véu  
os guardas das muralhas!  
Mulheres de Jerusalém  
eu vos suplico  
se encontrardes o meu amado,  
sabeis que dizer?  
Dizei  
que sou a enferma de amor.

*Cântico dos Cânticos, capítulo 5, versículos 2 a 8*

### **Excertos da exortação apostólica *Familiaris Consortio* (n.º 11)**

*«Porque o homem é um espírito encarnado, isto é, uma alma que se exprime no corpo e um corpo informado por um espírito imortal, o homem é chamado ao amor na sua totalidade unificada. O amor abraça também o corpo humano e o corpo torna-se participante do amor espiritual. (...)*

*Por consequência, a sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se dão um ao outro por meio de actos próprios e exclusivos dos esposos, não é algo de puramente biológico, mas diz respeito à pessoa humana como tal no que ela tem de mais íntimo. Esta só se realiza de maneira verdadeiramente humana se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se comprometem totalmente um para com o outro até à morte. A doação física total seria falsa se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total, na qual toda a pessoa, mesmo na sua dimensão temporal, está presente. Se a pessoa se reservasse alguma coisa ou a possibilidade de decidir de modo diferente no futuro, só por isto já não seria uma doação total».*

João Paulo II

### **Entregarem-se um ao outro**

*Para isso, é preciso, antes de mais, que a união sexual seja sempre um acto de amor. Isto não é evidente. “Fazer amor” pode muito bem ser exercer violência. Pode ser vontade de possuir, de dominar ou muito simplesmente uma procura egoísta de prazer. Esquece-se muitas vezes esta frase da *Humanae Vitae*: “um acto conjugal imposto ao próprio cônjuge, sem consideração pelas suas condições e pelos seus desejos legítimos, não é um verdadeiro acto de amor e nega, por isso mesmo, uma exigência da recta ordem moral, nas relações entre os esposos. Assim (...) um acto de amor recíproco, que prejudique a disponibilidade para transmitir a vida (...) está em contradição com o desígnio constitutivo do casamento ...” (n.º 13). Muitas questões se levantam em torno do segundo membro desta frase; levantar-se-ão outras tantas em torno do primeiro? Ora, tão importante é um como o outro. É preciso que nos interroguemos sempre sobre como a nossa união é vivida. Amar é entregar-se ao outro, é pôr-se ao serviço do desejo do outro, e até do seu prazer. Amar não é impor-lhe o que será por ele vivido como degradante, humilhante, mas também aceitar por amor ir mais longe do que espontaneamente se teria aceite ou procurado. Há toda uma linguagem de amor a encontrar e a valorizar. Deve-se sempre procurar juntos como fazer desse acto cada vez mais um*

*acto de amor, de ternura, de confiança, de aceitação do outro, de dom ao outro.*

*Aliás, a experiência ensina bem depressa que esse acto será incapaz de exprimir por si só o amor, se não se inscrever em toda uma vida de amor, de dom, de amizade partilhada. Se contradiz o que se passa no quotidiano da vida do casal, corre o risco de ser mentira ou violência, e não enganará por muito tempo, pois o corpo não poderá dissimular indefinidamente o que vai no coração.*

Padre Charles Bonnet

### **O corpo traído**

*A sexualidade tem, por vezes, aspectos negativos. No encontro sexual, queremos que o nosso cônjuge seja totalmente nosso. Se o nosso cônjuge tem dificuldade em fazer amor, talvez isso não seja por disfunção dos órgãos genitais mas por ele poder estar ferido sexualmente. Pode acontecer que o nosso cônjuge deseje mais encontros sexuais do que nós; pode acontecer que ele seja desajeitado a fazer amor ou seja insensível às nossas necessidades. Devemos ser delicados na nossa forma de perdoar ou de procurar mudanças em matéria sexual, porque neste domínio todos somos sensíveis e vulneráveis.*

*Se fazemos comentários sobre a inépcia técnica do nosso cônjuge, corremos o risco de rejeitar toda a sua forma de amar, porque o corpo ama através da pessoa toda. Rejeitando o aspecto físico, corremos o risco de rejeitar o coração e tudo o mais do outro. Assim, se as coisas não correrem bem no campo sexual, é preciso ser paciente e tolerante, mostrar como as coisas podem melhorar, sem nunca diminuir a capacidade de amor do cônjuge <sup>6</sup>.*

### **Conquistar a sua sexualidade**

*Aparentemente, existe um medo amplamente difundido da sexualidade que leva a reprimi-la. Mais uma vez, não se trata de a viver de maneira incontrolada. Se ela resulta «de um desejo de concupiscência, de um desejo que provoca corrupção e concupiscência» (cf. 2 Pe 1, 4), leva não à vida mas ao caos. É aí que ela é causa de inúmeros dramas relacionais e ocasiona inúmeras feridas, tais como abusos e violências. O dever dos cristãos é também descobrir a natureza*

<sup>6</sup> Jack Dominion, Conferência proferida no Encontro Internacional das Equipas de Nossa Senhora, em Santiago de Compostela, Setembro de 2000.

*divina na sexualidade. Isto leva a ter dela uma visão mais positiva e a situar-se em relação a ela de uma forma mais consciente e conveniente.*

*Quem gasta todas as suas energias a reprimi-la e a rejeitá-la faz mal a si mesmo. Faz, muitas vezes, a experiência de não conseguir reprimi-la completamente. A sexualidade ataca-o, então, em momentos de depressão ou de tensão e exprime-se sob a forma de auto-erotismo ou, por vezes, de comportamentos incontrolados em relação a menores. Estas pessoas causam a si próprias sofrimentos ainda maiores. Enterram-se continuamente numa vida sexual que querem reprimir. Pelo contrário, quem assume pacificamente a sua sexualidade encontra nela o gosto de viver, experimenta alegria na sua vida corporal, é capaz, em todos os sentidos do termo, de gozar da natureza, de experimentar Deus em si, e conhece uma espiritualidade viva e criadora.*

*É claro que mesmo este caminho está semeado de obstáculos. A sexualidade é uma força que não se deixa canalizar tão facilmente como gostaríamos. Mas é importante que a consideremos como uma energia que Deus nos deu de presente, como uma força boa e necessária para a nossa vida (...) e para a nossa espiritualidade. Então, encontraremos caminhos que nos hão-de levar a integrá-la na nossa concepção da vida. O celibatário tomará um caminho diferente do das pessoas casadas. Mas o que é determinante é considerar a sexualidade como uma força que vem de Deus e que também nos pode conduzir a Ele.*

*Fico sempre aterrorizado ao verificar o sofrimento que provém de uma sexualidade repelida e reprimida, ao ver todo o mal que as pessoas fazem a si próprias porque não interpretam a mensagem bíblica num sentido místico mas antes a recebem como uma palavra moralizadora. Isto porque separam totalmente Deus e o mundo e porque gostariam de chegar a Deus evitando o mundo; consideram a sua espiritualidade não como um caminho de vida mas como uma estratégia de limite para evitar as dificuldades inerentes à vida do homem.*

Anselm Grün <sup>7</sup>

<sup>7</sup> *Conquérir sa liberté intérieure*, Ed. de l'Atelier. Anselm Grün é abade de Münsterschwarzach, mosteiro beneditino do sul da Alemanha.



**«O que Deus uniu, o homem não deve separar»**

(Mt 19, 6)

---

## CAPÍTULO 5

### **Juntos para sempre, a fidelidade**

#### **TESTEMUNHOS**

*«Fizemos das crises ocasiões de progresso. Houve crises, mas foram situações de amadurecimento, com o esforço e a renúncia ora de um, ora de outro. É importante que, nos momentos difíceis, haja um que seja o elemento de salvação».*

*«A fidelidade não é um peso, é uma grande alegria: sabermos-nos únicos para quem é único para nós».*

*«Esta tentação está em nós, faz parte de nós. Pensar que se lhe pode escapar é sonhar. Devemos aceitar que somos seres de desejo. A tentação é humana. Não a culpabilizemos; é impossível evitá-la. Reconheçamo-nos pecadores. Não julguemos que estamos acima de tudo».*

*«As crises e as tentações devem ser analisadas o mais profundamente possível, mesmo se não se puder fazê-lo a quente; pelo contrário, um certo distanciamento temporal permite relativizar os problemas. Em contrapartida, temos que nos convencer de que um casal que sai de uma crise sai fortalecido. Não se parte do zero, parte-se de muito mais alto. O simples facto de ter ultrapassado positivamente as provações é um sinal de esperança para as provações futuras».*

*«Nunca adormecer sem perdoar um ao outro!»*

*«Se não fosse o perdão e a reconciliação, nenhum casal se manteria unido depois da lua de mel. E, se é verdade que em todas as etapas da vida conjugal haverá ocasiões de perdão e de reconciliação, é no início da vida de casal que saber perdoar e reconciliar-se é de importância capital».*

## ELEMENTOS DE REFLEXÃO

### Juntos para sempre

«O verdadeiro amor é não de um dia mas de sempre», afirmou Charles-Ferdinand Ramuz <sup>1</sup>, e na Bíblia lemos: «Amor e fidelidade andam de mãos dadas» (*cf.* Sl 89).

Ao contrário destas afirmações, tudo nos leva a pensar, no mundo actual, que é disparate acreditar na estabilidade das relações humanas. Então, a fidelidade será uma graça concedida, uma provação sobre-humana, um ideal inacessível ou será um desejo partilhado, uma decisão reflectida?

As estatísticas indicam que, em cada três casais, um está condenado ao fracasso. Da mesma forma, os geneticistas dizem que, se no genoma humano se encontra uma predisposição a apaixonar-se, não se encontra qualquer suporte que indique que assim se ficará ou por quanto tempo os apaixonados são capazes de ficar juntos.

Segundo a psicologia comparativa, poderia parecer natural que os homens, e também as mulheres, se afastassem dos cônjuges em certos períodos e, em certas circunstâncias, fossem infiéis. Será, então, contra a natureza que pessoas que se escolheram livremente se mantenham fiéis até que a morte as separe? As leis da natureza não são leis inelutáveis que regem os nossos comportamentos. Se o homem se adapta facilmente ao seu ambiente, o seu comportamento continua a ser flexível: dispõe de remédios para tecer a sua história e para dar significado às relações e ao diálogo. Para se manter fiel, é preciso tomar a decisão de se manter constante, é preciso querer. A vontade desempenha um papel capital na dinâmica própria da fidelidade.

É fiel aquele «que não falta aos compromissos assumidos e que demonstra uma afeição constante», diz o dicionário, e acrescenta: «é fiel aquele que mantém relações amorosas apenas com a pessoa com quem se comprometeu». A modernidade não encoraja a monogamia nem a fidelidade, não valoriza o vínculo nem a duração. Duas pessoas que se aproximaram uma da outra e que se maravilharam com os novos sentimentos de ternura que sentem uma pela outra desejam que esse estado se eternize. Prometem uma à outra fidelidade para toda a vida. Essa promessa tenta suprir a falta que resulta da inevitável diferença que sempre separa os apaixonados. É o mistério de toda a rela-

<sup>1</sup> Escritor suíço (1878-1947).

ção humana. Mas qual é o apaixonado que não tem a convicção íntima de que os sentimentos que experimenta pelo outro resistirão à erosão do tempo e assegurarão a permanência?

A tensão da vida que suscita o nosso desejo e alimenta a nossa expectativa e a nossa imaginação pode, infelizmente, ser fonte de desencanto. A harmonia no casal é corroída pelo tempo e pelas dúvidas: as experiências apaixonadas e intensas com o outro vão diminuindo, e ninguém se pode instalar na convicção de que o cônjuge lhe pertence até ao fim dos seus dias. A partir desta dolorosa verificação, é-se levado a interrogar-se sobre se não se terá feito um erro na escolha do cônjuge.

A ciência não nos dá remédios fáceis para forjar relações duradouras e fecundas. No entanto, as sondagens revelam que a grande maioria dos casais está satisfeita com a sua vida em comum, apesar das imperfeições do seu comportamento sexual. «Nunca te esqueças de que, num bom casal, o mais importante não é a felicidade mas a estabilidade», faz o poeta García Márquez<sup>2</sup> dizer a uma das suas personagens em “*O amor no tempo da cólera*”. A estabilidade é um factor bem colocado na escala dos critérios necessários ao êxito de uma vida de casal.

### **A fidelidade deve ser inovadora**

Para os aventureiros do casal, o «*duro desejo de permanecer*» (Paul Eluard<sup>3</sup>) e a fé forjam a intenção de dar sentido a uma relação, de inventar um novo estilo de vida, «*de escrever uma história numa relação com o passado, numa atenção ao presente e numa vigilância relativamente ao futuro*» (cf. Gérard Bailhache). E, uma vez que estou convencido de que só o outro me pode fazer feliz, e que por isso representa para mim a felicidade, poderá haver a mínima dúvida quanto à minha competência e aos meus meios para satisfazer o seu desejo, para querer o seu bem com todo o meu ser?

Mas a parte de incerteza inerente a este pacto de solidariedade e à promessa de fidelidade pode infelizmente dar lugar também à traição, se o diálogo no casal não tiver sabido dissipar as tensões que resultam da oposição entre o desejo e a realidade.

<sup>2</sup> Escritor colombiano, Prémio Nobel da literatura 1982.

<sup>3</sup> Poeta francês (1895-1952).

A fidelidade conjugal «contra ventos e marés» é uma dimensão fundamental da nossa humanidade. São muitos os lugares da fidelidade: a religião, a família, a amizade, os compromissos ... Desde Homero, ela é cantada pelos poetas em todo o mundo; faz vibrar os corações e faz correr lágrimas. Tem por objecto homens de todas as idades, mas não pode ser dissociada do amor.

Se o dicionário descreve a fidelidade como qualidade do que respeita compromissos assumidos, o aspecto que aqui nos interessa é o testemunho de pessoas que cumprem a sua promessa e respeitam os seus compromissos para com o cônjuge até ao limite do possível. Descubra-se, então, a força dessa fidelidade que é a própria força da fé, tradução do latim *fides*: *fé no vínculo, fé no outro* e, para o crente, *abertura à transcendência, à verdade e à eternidade: Deus*.

A fidelidade não está em crise, ela própria *é crise*, porque incessantemente e a todo o instante nos obriga a manter uma decisão, tomada no impulso do início, de refazer uma promessa abalada pelos cantos melódicos das sereias, de voltar a dar uma palavra enterrada no esquecimento. Nem a fidelidade nem a infidelidade são fatalidades. A fidelidade constrói-se, dia a dia, com perseverança e energia. Estaremos prontos a pagar esse preço por um ideal em que se fundamentam a história das nossas comunidades e o futuro do nosso casal?

A construção da fidelidade no casal assenta em quatro pilares:

\* **A fidelidade conjuga-se com a confiança:** iniciar uma relação de confiança com alguém é uma maneira de dar ao outro a importância a que ele tem direito, de lhe dizer: Tu és uma pessoa e não um objecto intermutável e manipulável consoante as minhas emoções, os meus desejos, os meus instintos. Mereces consideração e respeito. A fidelidade pressupõe um contrato, uma declaração de intenção e de crédito. Para dar crédito a alguém é preciso conhecer esse alguém de verdade: é preciso confiar no ser amado; «o verdadeiro amor não é de um dia ... não tínhamos nada para começar, tudo estava por fazer» (Charles-Ferdinand Ramuz). É preciso fazer um esforço para manter um vínculo e para respeitar uma promessa feita. Nos nossos esforços, somos ajudados pela representação da felicidade suscitada em nós pela ternura e pela cumplicidade com o outro, ser de carne e osso. A manutenção do vínculo não é um apego a si mesmo, uma atitude moral que a razão nos imponha; é a encarnação de um contrato de vida, e esse contrato deve ser revisto, corrigido, retomado todos os dias, tendo em conta os contratemplos da vida quotidiana.

\* **A fidelidade desenvolve-se *no tempo***, e isto pode ser interpretado como um desafio lançado ao tempo. O tempo é irreversível. Não é um longo rio tranquilo. Quantos meios é preciso pôr em acção para passar do imaginário ao real, da nostalgia do passado às previsões do futuro! O tempo é uma oportunidade para a construção de uma relação. Permite que a vida seja criativa. O tempo não é só desgaste, é também impulso vital. O amor, sobretudo, amadurece: pode melhorar como o vinho. A harmonia que se estabelece com o tempo é certamente menos apaixonada e menos passional do que a do início, mas torna-se mais real. Já não estamos sozinhos a correr o permanente risco inerente a essa relação paradoxal de entrega de si a outro/a, de oferenda ao outro do que nos é mais caro: nós próprios. O risco já não é solitário: a fidelidade vive-se com outra pessoa, é caminho de descoberta de si e do outro que passou a ser a pessoa mais próxima. Qualquer que seja o futuro que tivermos imaginado, ele nunca se realiza sem que tenhamos sido secretamente desiludidos. A fidelidade, tal como a ternura, tem incessantemente necessidade de palavras para se dizer, se partilhar, se construir, se recompor.

\* **A fidelidade passa pelo *perdão***. Para o *diálogo* e para a escuta no *respeito* é preciso explorar as alegrias e as provações, as traições e as decepções que correm o risco de levar ao desencanto. Por vezes, fazem-se ouvir os apelos dissimulados da tentação: por que será preciso renunciar? O diálogo é indispensável à construção de uma relação, ao passo que o silêncio lhe é funesto. Quando surgem divergências profundas que provocam rupturas ou traições, a frágil fidelidade humana precisa de ser rodeada de tacto e de solicitude. Ela não está inscrita nos nossos genes. Podemos aprender palavra a palavra e passo a passo a atravessar na *paciência* essas obscuridades quando já não sentimos nada, quando já não compreendemos nada. Toda a falta pode ser perdoada, desde que se queira. O perdão está no centro da aventura conjugal e, para lá dos conflitos, é preciso acreditar na reconciliação possível. Quem ama verdadeiramente é levado a perdoar. Estender a mão e deixar que nos dêem a mão: eis o segredo do perdão, que não é resignação mas fonte de fecundidade e de liberdade. O perdão restitui a paz, enquanto o perdão recusado asfixia.

\* **A fidelidade é uma *arte de viver***. Não é uma ascese. Há que sublinhar a importância do acto sexual, profunda e ligeira ao mesmo tempo, e levar a sério a atracção dos sentidos, os seus aspectos de gratuitidade, de poesia e até de desordem. Nos nossos dias,

já não é possível silenciar o papel positivo do prazer carnal sobre o qual se constrói a estabilidade do casal e que não deve ser asfiado sob o peso das regras morais. A fidelidade deve ser inventiva, não se deve tornar monótona nem enfadonha. Os cônjuges são chamados a reajustar constantemente a sua vida em comum a novas referências, a cultivar o prazer de estarem juntos de modo a que bastem poucas palavras e poucos gestos de ternura para responder às expectativas do outro. Isto supõe uma grande disponibilidade e uma grande exigência, pessoal e recíproca. E quando tudo vai tão bem que já não têm vontade de se separar, é preciso poderem suportar a separação, deslocarem-se para espaços diferentes, criar lugares de solidão possível. Compete a cada um descobrir o seu espaço interior e a capacidade de nele se manter e de o cultivar; isto implica que também se respeitará o jardim secreto do outro, que nunca se lhe forçará a porta. O amor procura penetrar os segredos íntimos do ser amado, todavia «o verdadeiro amor contorna os segredos da solidão do ser amado e permite que ele os guarde para si» (cf. John Merton).

Para concluir:

A fidelidade é uma *atitude responsável* quotidiana que nos volta para o infinito, abrindo-nos a uma história imprevisível. Este apelo é um convite a dar e a receber; precisamos de aceder a questões que sabemos serem vitais, um desafio “contra todos os riscos” ao desgaste do tempo. A fidelidade não é uma palavra, é *um sinal*. A nossa fidelidade pode apoiar-se com segurança na fidelidade de Deus. A fidelidade é o atributo mais importante de Deus e está associada à sua bondade paternal: Ele é o “rochedo” de Israel, nome que simboliza a sua fidelidade imutável, a verdade das suas palavras, a solidez das suas promessas. Pelo sacramento do matrimónio, Deus consagra a nossa fidelidade conjugal através do “Sim” que nos compromete para sempre.

Não será presunçoso fazer esta afirmação quando se fez a experiência do silêncio de Deus no sofrimento e na aflição? Onde está Deus no fracasso? Temos a plena revelação disto em Jesus Cristo, cuja Paixão não é só a partilha dessa experiência de abandono, mas é também fundadora de sentido, fazendo dela um caminho de ressurreição. Em Jesus Cristo manifesta-se a fidelidade de Deus que vai além de todas as promessas da Aliança. É um sinal que revela, tornando visível aos olhos dos homens o amor de Cristo pela sua Igreja. A fidelidade de Deus reclama a nossa. Convida-nos a estar atentos à

sua presença, não para esquecer a de um ser amado mas para subir até à fonte desse amor. «*Que, no meio das mudanças do mundo, os nossos corações se fixem onde estão as verdadeiras alegrias*» (cf. *Missal Romano*).

## **PERGUNTAS**

### **Para o diálogo em casal**

- \* Que imagem de fidelidade tínhamos quando nos casámos?
  
- \* Que aspectos da nossa vida modificaram essa imagem?
  
- \* A fidelidade é uma arte de viver: que fazemos, individualmente e em casal, para tornar a nossa fidelidade inventiva?

### **Para o diálogo em equipa**

- \* Quais são os lugares onde somos chamados a ser testemunhas da nossa fidelidade?
  
- \* Como ser sinal da felicidade de ser fiel numa cultura que não encoraja a fidelidade?
  
- \* Em que é que a vida nas Equipas de Nossa Senhora é uma ajuda a viver a fidelidade em casal?
  
- \* Em que é que o sacramento do matrimónio nos ajuda a viver a fidelidade no nosso quotidiano?

## **ORAÇÃO**

**Texto para a oração da equipa (Ef 4, 1-13):**

*Exorto-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, a andardes de modo digno da vocação a que fostes chamados: com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.*

*Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só baptismo; há um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos.*

Mas a cada um de nós foi dada a graça pela medida do dom de Cristo, por isso se diz: Tendo subido às alturas, levou cativo o cativo, concedeu dons aos homens.

*Que significa «subiu» senão que Ele também desceu às profundezas da terra? O que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas.*

*E Ele é que «concedeu» a uns ser apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a outros pastores e mestres, para aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para edificação do Corpo de Cristo, até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, o estado de Homem Perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo.*

## **TEXTO DE ACOMPANHAMENTO**

### **Textos bíblicos**

#### **Única é minha pomba**

Sessenta são as rainhas  
e oitenta as concubinas  
e as donzelas sem conta  
mas ela é única a minha pomba sem defeito  
ela é única para a sua mãe.  
Quando a vêem, as donzelas louvam-na  
celebram-na rainhas e concubinas.

Quem é essa que desponta como a aurora  
bela como a lua  
fulgurante como o sol  
terrível como as coisas insignes?

*Cântico dos Cânticos, capítulo 6, versículos 8 a 10*

Não traias a esposa da tua juventude

*Malaquias 2, 15*

Goza com a esposa a tua juventude:  
cerva querida, gazela formosa;  
que te embriaguem sempre as suas carícias,  
o seu amor te satisfaça sem cessar!

*Provérbios 5, 18b-19*

Para sempre vou manter-lhe o meu amor;  
e a minha aliança com ele será firme;  
jamais vou profanar a minha aliança  
nem mudar o que saiu da minha boca

*Salmo 89, 29.35*

Eu te desposarei para sempre,  
eu te desposarei na justiça e no direito,  
no amor e na ternura.  
Eu te desposarei na fidelidade  
e conhecerás o Senhor.

*Oseias, 2, 21-22*

## Outros textos

### A confiança mútua

*Há uma condição que é absolutamente necessária: é a confiança mútua, total, sem reservas. A confiança chama a confiança, como a desconfiança chama a desconfiança. Há uma dinâmica da confiança. A confiança é contagiosa. É evidente que o entendimento sexual é absolutamente necessário à confiança mútua, mas não chega. Se o abraço deve ser uma conversa, a conversa deve ser um abraço, o que supõe renúncia à perigosa quimera da fusão. Se se acarinha este sonho, ou um domina o outro e o esmaga, ou a verificação de fracasso leva a um divórcio.*

Jacques de Bourbon Busset  
Excertos da revista *Alliance*, n.º 100-101

### Lembras-te, mulher?

Lembras-te, mulher?  
não tínhamos nada para começar, tudo estava por fazer.

E pusemos mãos à obra, mas é difícil.  
É preciso coragem, perseverança.  
É preciso amor,  
e o amor não é o que pensamos quando começamos.

Não são só beijos que se trocam,  
aquelas palavrinhas que segredamos ao ouvido  
ou ficarmos apertados um contra o outro;  
o tempo da vida é longo,  
o dia do casamento é só um dia.

Foi depois,  
— lembras-te? —  
foi só depois que a vida começou.

É preciso fazer, e está desfeito;  
é preciso voltar a fazer e continua desfeito.

Vêm os filhos,  
é preciso alimentá-los, vesti-los, educá-los;  
nunca mais acaba.

Também acontece ficarem doentes;  
tu ficavas de pé toda a noite;  
eu trabalhava de manhã à noite.  
Há alturas em que desesperamos;  
e os anos passam e não avançamos.  
Parece que voltamos para trás.

Lembras-te, mulher?  
Todas aquelas preocupações, toda aquela confusão.  
Só que tu estavas ali.

Continuámos fiéis um ao outro.  
E assim pude apoiar-me em ti,  
e tu apoiavas-te em mim.  
Tivemos sorte em estar juntos,  
pusemo-nos os dois ao trabalho,  
aguentámo-nos,  
resistimos.

O verdadeiro amor não é o que se pensa.  
O verdadeiro amor não é de um dia, é de sempre.

*Charles-Ferdinand RAMUZ*

**Aliança de Amor**<sup>4</sup>: O pensamento do Papa João Paulo II sobre a sexualidade, o matrimónio e a família no mundo moderno:

O dom que um homem e uma mulher fazem um ao outro no casamento deve ser indissolúvel enquanto ambos viverem. Entregam-se um ao outro e, em troca, recebem o dom do outro. Uma vez concedido, o dom não pode ser retirado. Uma vez recebido, o dom do outro nunca pode ser rejeitado. Como sublinha a exortação apostólica *Familiaris Consortio*, «a indissolubilidade do matrimónio ... [é] sinal e exigência do amor absolutamente fiel que Deus Pai tem pelo homem e que Cristo manifesta para com a Igreja» (n.º 20). Por outras palavras, o amor de Deus caracteriza-se sem-

<sup>4</sup> Excerto de Richard M. Hogan e John M. Levoir, *Covenant of love, Pope John Paul II on sexuality, marriage and family in the modern world*, Ignatius Press, p. 80.

pre por uma fidelidade perfeita. O amor humano, por ser reflexo do amor de Deus, também deve ser fiel para sempre. Deus é sempre fiel no seu amor, pois qualquer grau menor de amor não seria dom total de si mesmo. Um dom, quando é total, não é limitado nem por graus nem no tempo!

### **Espanto-me sempre, diz Deus**

Espanto-me sempre, diz Deus,  
quando oiço as pessoas dizerem  
«Somos casados!»  
como se se casassem num dia!  
Deixem-me rir.  
Como se se casassem de uma vez por todas.  
Pensam que aconteceu  
e que podem viver,  
viver dos seus rendimentos de amor de pessoas casadas.

Como se se casassem num dia,  
como se chegasse darem-se uma vez,  
de uma vez por todas;  
como se eu próprio  
tivesse feito o mundo num dia;  
como se não precisassem, a todo o custo,  
por bom senso,  
de se casarem todos os dias que eu faço.

Os homens não duvidam de nada!  
Duas metades têm tanto a casar!  
Quando se esteve vinte anos sozinho,  
rapaz sozinho,  
rapariga sozinha,  
tão diferentes,  
de proveniências estranhas uma da outra  
desde há gerações.  
Tantas coisas a dar  
e a receber.  
Tantas coisas a receber  
e a dar, meus filhos!

*Charles Péguy*



**«Cada um de nós prestará contas a Deus de si próprio»**

(Rm 14, 12)

## CAPÍTULO 6

### A consciência

#### TESTEMUNHOS

*«A Igreja apresenta-se-nos como um farol erguido no meio do mar para nos esclarecer e guiar as nossas consciências na procura do que é bom para o homem».*

*«A Igreja é perita em matéria de conhecimento do homem; é mestra em humanidade».*

*«A Igreja não é demasiado rígida; o homem tem necessidade de orientações e de exigência. Ela põe a fasquia muito alta, mas isso não é rigidez. Usa uma linguagem de amor; quer preservar o amor, a procriação, o respeito pelo outro».*

*«No nosso mundo demasiado permissivo, é importante mostrar que a Igreja não impõe interditos mas quer realizar a promoção humana de todos e do casal em particular».*

*«A obediência estrita à doutrina da Igreja (segundo a Humanae Vitae) foi para os membros da nossa equipa (todos têm actualmente mais de 45 anos) causa de perturbação, de problemas de consciência e, em certos casos, de afastamento temporário dos sacramentos. Para alguns casais que conhecemos, a aplicação rigorosa destas normas levantou sérios problemas».*

*«Uma correcta formação da consciência não se faz “de uma vez por todas”. Há que ter uma atitude permanente de procura, que se torna estilo de vida. Ao mesmo tempo, é necessária uma*

*disponibilidade para a mudança ... Não se pode “normalizar” a consciência: ela é própria de cada indivíduo e, no matrimônio, do casal. Diversos casais que se prepararam no mesmo espírito de verdade podem ter comportamentos diferentes e tomar decisões diferentes face aos mesmos problemas».*

## **ELEMENTOS DE REFLEXÃO**

Consciência (*Cum scientia*): saber com Deus, o que o homem conhece do próprio saber de Deus. Agir segundo a sua consciência? Muitas vezes, esta questão surge quando somos confrontados com um dilema, com uma situação em que o nosso interesse pessoal parece opor-se às recomendações do Magistério. Vejamos alguns exemplos concretos:

### **Que devemos fazer?**

Desejamos loucamente, há anos, um filho, mas a natureza recusa-no-lo; recorreremos à fertilização *in vitro* e transferência de embrião mesmo sabendo que o Magistério se opõe a isso?

Temos “a consciência tranquila”; respeitamos os métodos de auto-observação preconizados pela Igreja, mas só temos dois filhos, quando nos seria fácil ter mais!

Temos quatro filhos; a minha mulher não tem uma saúde muito boa e não podemos, de momento, pensar noutro nascimento; os métodos de auto-observação não nos parecem suficientemente seguros. Será que ela pode tomar a pílula durante algum tempo?

Utilizo um preservativo, durante os períodos férteis, ou privilegio a continência durante esses períodos?

E aqui estão dois casos que podem parecer casos limite mas que são reais:

- A minha filha sofre de trissomia e gosta de um rapaz que tem a mesma deficiência; esse amor fá-los despertar para a vida, mas eles são incapazes de criar um filho; será de lhes aconselhar um meio contraceptivo “ilícito”?

- A minha mulher e eu (25 anos) descobrimos, depois do nascimento de um filho nado-morto, gravemente anormal, que os exames do nosso capital genético nos davam duas probabilidades em três de pôr no mundo crianças altamente deficientes. Mas queremos ter filhos. Deveremos seguir o parecer do nosso médico, que aconselha um aborto terapêutico em caso de grave anomalia detectada na ecografia? Se não, que fazer?

### **Tentemos ver as coisas com mais clareza**

As linhas que se seguem não dão respostas feitas, mas uma “iluminação” que deveria ajudar cada um a aprender a decidir-se no seu caso particular único. Não falaremos aqui da consciência psicológica, que se assemelha ao simples conhecimento (tem-se consciência da ternura de uma mãe, da iminência de uma tempestade ...), mas da consciência moral, que ultrapassa esse simples conhecimento, dando-lhe um valor de bem ou de mal que nos compromete pessoalmente.

Na Declaração *Dignitatis Humanae* do Concílio Vaticano II (n.º 3c), lê-se: «*O homem ouve e reconhece os ditames da lei divina por meio da consciência, que ele deve seguir fielmente em toda a sua actividade, para chegar ao seu fim, que é Deus. Não deve, portanto, ser forçado a agir contra a própria consciência. Nem deve também ser impedido de actuar segundo ela*». Notemos, já agora, que a Igreja não é a única a interessar-se pela consciência: em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, no seu número 18, afirma: «*Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião*».

Na Constituição *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II (n.º 16) encontramos uma longa exposição sobre a consciência, que vai servir de fio condutor para a nossa reflexão:

§ 1. «No fundo da própria consciência, o homem descobre a presença de uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faz isto, evita aquilo. O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado.

§ 2. A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser.

§ 3. Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo.

§ 4. Pela fidelidade à voz da *consciência*, os cristãos estão unidos aos demais homens no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. Quanto mais, portanto, prevalecer a recta consciência, tanto mais as pessoas e os grupos estarão longe da arbitrariedade cega e procurarão conformar-se com as normas objectivas da moralidade.

§ 5. Não raro, porém, acontece que a *consciência* erra, por ignorância invencível, sem por isso perder a própria dignidade.

§ 6. Outro tanto não se pode dizer quando o homem se descuida de procurar a verdade e o bem e quando a *consciência* se vai progressivamente cegando, com o hábito do pecado».

Analisemos estes seis parágrafos:

No § 1 há dois pontos importantes: a lei é escrita por Deus no coração do homem (*Deus in nobis*), Deus no interior de nós próprios, cruzando o infinitamente distante e o infinitamente próximo, e nós devemos obedecer-Lhe. Essa voz chama-nos sempre ao amor do bem e à fuga do mal, e essa obediência deve fazer-se sem considerar aqui a adequação ou não dessa voz a esta ou àquela norma exterior. Compara-se, muitas vezes, a consciência a uma bússola. A imagem é apropriada: o navegador deve submeter-se à bússola, não pode escolher outro norte; o barco que se toma a si próprio como ponto de referência não vai a parte nenhuma.

O § 2, comparando a consciência a um santuário inviolável, insiste na dignidade da consciência do homem. Este santuário é uma sala nobre, protegida contra toda e qualquer intervenção exterior, para a qual o homem se retira para decidir o seu futuro, e na qual ele é a única pessoa a penetrar com o seu Criador. Mas, mais ainda, este parágrafo dá a entender que, definitivamente, ninguém pode dizer que uma pessoa tenha desobedecido à sua consciência ou que a tenha seguido. Só a própria pessoa pode «pensar» ter ido ao fundo da sua consciência, em situações em que nem sempre domina todos os dados ...; daí a importância da formação e da escuta, retomada nos dois parágrafos seguintes.

O § 3 sublinha a importância desta «descoberta»: a escuta e o acolhimento da lei interior por parte da consciência realizam-se «de modo admirável». É a luz que nos vem de descobrir que nos sentimos em harmonia com o desígnio de Deus, com a vontade de Deus a respeito

da nossa vida. «No mais íntimo de si próprio, o homem experimenta a irradiação da verdade de Deus no seu ser. É isso a lei. Não é primariamente a percepção de um interdito exterior a si. Não é uma realidade fria e impessoal. Trata-se de uma luz, de uma atracção, de uma revelação pessoal».

O § 4 põe a tónica na necessidade da formação de uma «consciência recta»; trata-se não de uma «consciência tranquila», como se diz em linguagem corrente, que seria uma satisfação fácil e sem demasiada reflexão, mas de uma procura clarificada do verdadeiro bem; no fundo, «ter uma consciência recta é ser recto para com a própria consciência». Trata-se de esclarecer bem a consciência e de ser responsável não só «perante» a sua consciência mas também «pela» sua consciência. «A consciência», escreve o Cardeal Pierre Eyt <sup>1</sup>, «não é um oráculo, mas um órgão que se exercita, se informa, se forma, se ilumina, se desenvolve, se afina».

A Encíclica *Veritatis Splendor* do Papa João Paulo II apela a «*formar a consciência e a fazer dela objecto de uma conversão permanente à verdade e ao bem*». A procura de uma consciência é um caminho de conversão para toda a vida, e quem diz «caminho» diz também «caminhada», «progressão», «gradualidade». A iluminação da consciência pode ser orientada:

- pelos acontecimentos (ainda que a sua interpretação nem sempre seja simples);
- pela reflexão (o exercício da inteligência que se instrói, raciocina, argumenta);
- pela oração e pela vida sacramental (eucaristia, reconciliação);
- pela mediação de outras pessoas - pais, educadores, amigos;
- pelo Magistério, essa «memória da Igreja que actualiza as exigências dos apóstolos» (e, por conseguinte, de Cristo), que não tem que acrescentar leis mas que explicita e precisa o que significa amar Cristo e segui-l'O.

Finalmente, a consciência toma, por vezes, justamente o aspecto de uma pessoa: «*A minha natureza*», diz o Cardeal Newman, «*ouve a voz da consciência como uma pessoa: quando lhe obedeco, fico satisfeito; quando lhe desobedeço, sinto-me triste, exactamente como quando dou ou não prazer a um amigo que me é muito querido (...). Um*

<sup>1</sup> Arcebispo de Bordéus, França, falecido em 2001.

*eco implica uma voz; uma voz, alguém que fala; aquele que fala é aquele que amo e venero».*

Os § 5 e 6 apresentam-nos dois tipos de «consciência errônea». Só uma é digna: a que erra em consequência de uma ignorância inelutável. A ignorância inelutável é a ignorância de uma pessoa que, tendo feito tudo o que estava ao seu alcance para procurar a verdade (oração, leituras, conversas ...), não chegou a perceber a razão de tal atitude moral proposta pela Igreja. Continuando a prestar atenção, continuando a manter em alerta o seu “radar” para o caso de alcançar uma percepção maior, é dever de cada um obedecer definitivamente à sua consciência. S. Tomás de Aquino considerará mesmo obrigação obedecer à sua consciência sob pena de pecado. Porque o nosso dever é ir até onde a nossa consciência viu que se encontrava o bem. Com efeito, uma velha máxima da escolástica recorda-nos que nunca é permitido escolher deliberadamente o que em consciência julgamos ser mal.

O § 6, por sua vez, evoca também a realidade da ignorância, mas aqui trata-se de uma ignorância que é fruto de uma «consciência preguiçosa»; não se fizeram os esforços que poderiam ser feitos; a pessoa fechou-se num certo número de certezas mais ou menos confortáveis e desligou o seu radar. Esta situação é particularmente grave. O *Catecismo da Igreja Católica* não hesita em afirmar que «a ignorância simulada e o endurecimento do coração não diminuem, antes aumentam, o carácter voluntário do pecado» (n.º 1859).

Estas reflexões acerca da consciência devem deixar-nos cheios de confiança e de serenidade. É claro que, como referimos no início deste capítulo, não trazem soluções feitas, mas a nossa «boa vontade», com a graça de Deus e o apoio da sua misericórdia, far-nos-á descobrir como formar uma «consciência recta», e então poderemos tender ao «ideal que», como diz Marcel Domergue <sup>2</sup>, «consiste em a voz de Deus se nos tornar interior e agir em nós como o nosso próprio dinamismo».

## **PERGUNTAS**

### **Para o diálogo em casal**

- \* Dialogamos acerca de um problema que a nossa consciência nos permitiu resolver; como iluminámos a nossa consciência?

<sup>2</sup> Padre Jesuíta francês.

\* Que esperamos um do outro para nos ajudarmos mutuamente a formar a nossa consciência? A minha consciência preocupa-se com o desabrochar do meu cônjuge, com o seu desejo, com o meu, com as suas repugnâncias, com as minhas?

\* Em que campos temos uma consciência de casal?

### **Para o diálogo em equipa**

\* Que meios temos na equipa, na Igreja, para alimentar a nossa consciência? Como os utilizamos?

\* Que pontos do magistério constituem obstáculo para nós? Porquê? Rejeitamos esses pontos por si mesmos ou apenas rejeitamos considerá-los para o casal?

\* Em que é que esta reflexão acerca da consciência nos poderá ajudar a passar de uma atitude de obediência passiva ou de rejeição a uma atitude de apropriação pessoal dos ensinamentos do Magistério?

### **ORAÇÃO**

**Texto para a oração da equipa (Jo 3, 4-8):**

*Perguntou-lhe Nicodemos: «Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer?».*

*Respondeu-lhe Jesus: «Em verdade, em verdade, te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é espírito. Não te admires de Eu te haver dito: deveis nascer do alto.*

*O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito».*

## **TEXTOS DE ACOMPANHAMENTO**

### **Grava-me em teu coração**

Grava-me como selo em teu coração  
como selo em teu braço  
porque forte como a morte é o amor  
voraz a paixão como o abismo  
seus ardores são chamas de fogo  
labaredas do Senhor  
por maiores que sejam as águas  
jamais apagarão o amor  
nenhum rio o poderá submergir  
entregasse alguém  
toda a riqueza de sua casa  
para comprar o amor  
seria ainda tratado com desprezo.

*Cântico dos Cânticos, capítulo 8, versículos 6 a 8*

### **A consciência**

«A consciência é como o núcleo mais íntimo e secreto do homem; é lá que ele se refugia com as suas faculdades espirituais numa solidão absoluta, sozinho consigo mesmo, ou melhor, sozinho com Deus, cuja voz se faz ouvir. É aí que ele se decide pelo bem e pelo mal, é aí que escolhe entre o caminho da vitória e o da derrota. Mesmo se quisesse, o homem nunca conseguiria desembaraçar-se dela; com ela, quer ela o aprove quer o condene, ele percorre todo o caminho da vida e, ainda com ela, testemunha privilegiada, verídica e incorruptível, ele se apresentará ao juízo de Deus.

Por conseguinte, a consciência é, para retomar uma imagem antiga mas perfeitamente apropriada, um santuário no limiar do qual todos devem parar: todos, inclusive o pai, inclusive a mãe, quando se trata

de uma criança; só o padre lá entra como médico das almas e como ministro do sacramento da penitência. Mas nem por isso a consciência deixa de ser um santuário zelosamente guardado cujo segredo o próprio Deus quer que seja preservado sob o selo do mais sagrado dos silêncios».

Pio XII

Texto citado pelo Padre Bruguès

### Ousar a liberdade

Se autoridade quer dizer abuso de poder,  
então aquele homem deve calar-se.

Se autoridade quer dizer ditador,  
então é preciso reduzi-lo ao silêncio.

Mas não abusa do poder  
aquele que ousa interpelar o homem,  
aquele que ousa dizer a verdade.  
Quando as suas armas são o Amor  
e a ternura,  
quando os únicos soldados que o servem  
são simples pescadores,  
homens do povo,  
então não se pode falar de ditadura!

Aquele que fala aos homens  
deste tempo  
apela à liberdade de cada um.  
Diz: «Vocês têm uma consciência ...»  
Mas apelar à liberdade  
é um crime nesse tempo,  
tudo está tão bem inscrito na lei.

O que é espantoso no Evangelho  
é esse sopro de vida,  
essa Palavra de esperança,  
Palavra que nasce com uma criança  
e que cresce na vida dos homens.  
Então, hoje, ousemos a liberdade ...

*Charles Singer*

### **Celebrar o ano 2000<sup>3</sup>!**

Como tudo o que é humano, a consciência humana pode enganar-se e expor-se a ilusões e a erros. É uma voz subtil que pode ser abafada pela algazarra de uma forma de viver que desvia, ou quase asfixiada por um persistente hábito de pecado grave.

A consciência deve ser alimentada e formada, e a melhor maneira de a formar — pelo menos para aqueles que receberam a graça da fé — é referi-la à revelação bíblica da lei moral, interpretada com autoridade, com o auxílio do Espírito Santo, pelo Magistério da Igreja.

*Estamos arrependidos ou satisfeitos connosco próprios? «Devemos acolher a mensagem que nos vem da parábola evangélica do fariseu e do publicano (cf. Lc 18, 9-14). Talvez o publicano pudesse ter alguma justificação para os pecados cometidos, de modo a diminuir a sua responsabilidade. Porém, não é nestas justificações que se detém a sua oração, mas na própria indignidade face à infinita santidade de Deus: “Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador” (Lc 18, 13). O fariseu, pelo contrário, justifica-se por si só, encontrando talvez uma desculpa para cada uma das suas faltas<sup>4</sup>.*

«Defrontamo-nos, assim, com dois comportamentos diversos da consciência moral do homem de todos os tempos. O publicano apresenta-nos uma consciência “penitente”, que está plenamente ciente da fragilidade da própria natureza e vê nas próprias faltas, independentemente das justificações subjectivas, uma confirmação de o próprio ser necessitado de redenção. O fariseu mostra-nos uma consciência “satisfeita consigo mesma”, que se ilude de poder observar a lei sem a ajuda da graça e está convencido de não ter necessidade da misericórdia.

«A todos é pedida uma grande vigilância para não se deixar contagiar pela atitude farisaica que pretende eliminar a consciência da própria limitação e do próprio pecado, e que hoje se exprime particularmente na tentativa de adaptar a norma moral às próprias capacidades e interesses, e até na rejeição do conceito mesmo de norma» (*Veritatis Splendor*, 104-105).

<sup>3</sup> Reflexões sobre Jesus, o Espírito Santo e o Pai. Textos do Papa João Paulo II, escolhidos e apresentados por Paul Thigpen.

<sup>4</sup> Excerto de *Celebrate 2000!*, p. 153.



«Sede fecundos»

(Gn 1, 28)

## CAPÍTULO 7

### Dar frutos, a fecundidade

#### TESTEMUNHOS

*«A fecundidade carnal é uma riqueza inaudita que nos faz participar de uma maneira concreta e maravilhosa na criação, mas o nosso casamento dá-nos uma vocação ainda mais vasta, mais prodigiosa: a de tornar fecundo o nosso cônjuge em toda a sua vida, não apenas no seu corpo. A felicidade é o desabrochar do cônjuge no casal! (...) O acto sexual não pode limitar-se a criar filhos, cria o casal, faz desabrochar o cônjuge, continua a manter-nos, como casal, criadores de bens espirituais, em tudo o que vivemos na vida quotidiana, na vida profissional, na vida de relações, nos nossos compromissos (não só de Igreja)».*

*«Em equipa, percebemos melhor o sentido profundo da fecundidade para um casal sem filhos. Um casal da equipa, confrontado com este doloroso problema, explicou-nos a sua caminhada: de um sentimento de revolta, num primeiro tempo, a uma tomada de consciência de “outro” meio para o casal ser fecundo, por tudo o que faz no exterior, no voluntariado, etc.».*

*«Senti-me pai de repente no momento em que o meu filho berrou. Por outro lado, tinha o sentimento de que a minha mulher já era mãe há nove meses. Quando fui pai, percebi Deus».*

*«O sentimento que se revelou foi sempre, em primeiro lugar, de orgulho e de intensa alegria. O filho era a materialização do nosso amor, amor que tinha necessidade de sair de nós próprios.»*

*Depois, a intensa alegria transformou-se numa enorme esperança, num desejo, em projectos para os filhos; estes são do domínio do sonho. Os nossos filhos ensinaram-nos outra forma de amor: humildade, escuta, atenção, paciência, disponibilidade».*

*«Transmitir a vida ultrapassa-nos, faz-nos tocar o mistério da vida. É um dom de Deus, uma parcela do poder de Deus, uma grande fonte de alegria. O mistério da vida é uma coisa fantástica. Da felicidade e do amor de um casal, dessa união física surge um novo ser. Uma nova pessoa. Tão misteriosa e tão diferente de todas as que já existem! E foi a nós, um casal entre tantos outros, que foi dado ser instrumento da mão divina do Criador. Ele permite-nos ser criadores, possuir em nós mesmos os elementos capazes de dar origem à vida. Absurdamente fantástico, divino e real!».*

*«Maternidade e paternidade responsáveis: este é o ponto crítico; e, sem cessar, levanta-se em nós essa interrogação: onde está a fronteira entre os nossos cálculos e o projecto de Deus? Na base de uma estabilidade de casal, há a responsabilidade comum pelo projecto de fecundidade biológica».*

*«O importante não é o método em si, mas o comportamento dos esposos face à sua própria vida e à vida dos filhos; a escolha do método vem a seguir ...».*

## **ELEMENTOS DE REFLEXÃO**

### **A fecundidade é um dom de Deus**

Antes de falar da regulação da natalidade, sublinhemos, como muitos equipistas nos seus testemunhos, quanto a fecundidade é uma bênção e um dom de Deus. *«Na Bíblia, a fecundidade ocupa um lugar essencial. Nunca é considerada de maneira negativa, como um perigo, a não ser nos períodos de grandes catástrofes, em que a mãe sofrerá a provação do sofrimento dos seus filhos. A fecundidade é uma bênção divina e a esterilidade, o pior dos males que podem afectar uma mulher. Uma prática anticoncepcional por parte do homem é um crime, pois lesa a mulher do direito de ser mãe, e constitui um obstáculo à bênção de Deus. Uma prole numerosa é a recompensa do justo»*<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Jacques de Longeaux, padre de Paris, em *Amour, mariage et sexualité*, Ed. Mame/Cerf, p. 7.

A questão da fecundidade do casal não pode ser reduzida à da regulação da natalidade. O dinamismo do amor leva-o para além do instante presente e até mesmo para além da pessoa amada. Se permite habitar o presente, o amor não se contenta em se fechar no presente. Se se experimenta e se recebe como um dom, o amor é portador do desejo de que esse dom se prolongue, se redobre, tenha repercussões dando frutos, encarnando em vidas que ultrapassam as das pessoas que se amam. Isto já se experimenta no próprio amor carnal: o desejo tende para a unidade, ao passo que o prazer é vivido como uma vertigem em que o sentimento dos limites individuais parece momentaneamente abolido. *“O homem une-se à sua mulher, e eles tornam-se uma só carne”* (Gn 2, 24). Tudo se passa como se, no momento em que os amantes têm o sentimento de *“cair um no outro”*, tivessem a intuição confusa de que a sua unidade só se pode realizar para além deles próprios, numa terceira vida que sobreviverá àquela união passageira e em que se misturarão os seus traços, os seus sangues, os seus patrimónios genéticos. Esta aspiração muito profunda é uma das causas de sofrimento dos casais que não podem ter filhos. De facto, o sofrimento é o reverso desse grande desejo; essa impossibilidade é vivida como uma falta, uma provação.

E se, como todos sabemos, muitos casais privados de fecundidade biológica se mantêm, é porque, muitas vezes, depois de terem ultrapassado essas dificuldades específicas, descobriram outras formas de fecundidade. Porque a fecundidade carnal através da vinda do filho, sendo muito valiosa, não é a única forma de fecundidade; outras formas são dadas a viver a todo e qualquer casal, seja ele quem for.

#### • OUTRAS FORMAS DE FECUNDIDADE

- Em primeiro lugar, **a fecundidade interpessoal**. O primeiro fruto do amor é o próprio amor e tudo o que ele suscita de força de viver em cada uma das pessoas e entre elas. Trata-se, com efeito, de uma vida nova que brota entre as pessoas, vida para a qual cada um poderá descobrir ou redescobrir uma parte de si mesmo, manifestar riquezas escondidas, curar certas feridas. O amor autêntico é fonte de uma geração mútua, o amor autêntico consiste em dar vida um ao outro.

- **A fecundidade também pode ser social**. A vida de um casal estável é a de uma comunidade, e está na lógica dessa comunidade não se manter isolada. Que seria dessa comunidade em que nunca ninguém fosse acolhido? A hospitalidade de um casal tem algo de específico em relação à de uma pessoa solteira. O mesmo se passa quanto aos compromissos que o casal poderá assumir na vida social, asso-

ciativa, política ou eclesial. Aquilo com que um casal contribui está profundamente ancorado no que ele vive no mais íntimo de si mesmo, nesse permanente intercâmbio bipolar masculino-feminino. Aliás, pelo testemunho da sua fidelidade, o casal contribui com uma nota de estabilidade num ambiente por vezes muito instável.

- **A fecundidade é também, e talvez sobretudo, espiritual.** A paternidade e a maternidade autenticamente vividas são, em primeiro lugar, espirituais: ligam almas que passam por Deus, mediador e fonte de toda a fecundidade. A paternidade e a maternidade espirituais geram uma relação em que uma pessoa permite à outra descobrir uma parte de si mesma, comunicando-lhe não apenas um saber ou um saber-fazer mas, para além disso, uma vida.

Casar-se é, pois, comprometer-se a construir um lugar em que possam acontecer e crescer vidas novas. Querer viver as fecundidades de um casal é ter em vista mais do que o casal, é ter em vista a realização de uma comunidade, a integração desta numa comunidade mais ampla, tomar consciência de que o casal apaixonado é chamado a dar origem a algo maior do que ele, a uma família, a um ambiente familiar, a um lugar de intercâmbios e de crescimento.

#### • O MAGISTÉRIO E A REGULAÇÃO DA NATALIDADE

O domínio desta fecundidade é uma aposta essencial para o casal. Inscreve-se num projecto conjugal e parental que procura valorizar as diversas formas de fecundidade. Passa, na maior parte dos casais, pelo domínio da fertilidade carnal. Porque, muitas vezes, entre o desejo de um filho que nos habita mais ou menos a todos, ainda que de forma diferente e variável, e o desejo de gravidez na mulher vão interpor-se múltiplos factores a nível pessoal, conjugal e familiar.

Não se podem criar todos os filhos que a natureza é susceptível de nos poder dar e, durante séculos, a impossibilidade de controlar os nascimentos foi vivida como uma fatalidade. A partir do fim do século XX, esse domínio passou a ser cientificamente possível e, por conseguinte, sujeito de discussão. Que podemos dizer sobre isto?

O Padre Xavier Thévenot <sup>2</sup> dá-nos aqui algumas reflexões a este respeito:

*«A Igreja é favorável à regulação da natalidade desde que as motivações dos cônjuges sejam conformes à exigência do amor evangélico»*

<sup>2</sup> Reflexões extraídas do seu livro *Repères éthiques pour un monde nouveau*, Ed. Salvator, 1982, pp. 79-83.

co»; facilmente se concordará com este ponto: não se trata, bem entendido, de evitar em todos os casos a vinda de um filho, mesmo que o casal tenha todas as razões para assim esperar.

«*Todo o método exige um diálogo regular e profundo entre os dois cônjuges*»; cada um deve sentir-se implicado na escolha fundadora do lar, e o diálogo deve ser retomado com a mesma seriedade quando a situação do casal tiver evoluído. Além disso, «*um método ideal de regulação deveria satisfazer as seguintes condições:*

- \* *A contracepção deveria, se possível, ser suportada equitativamente pelos dois cônjuges ... cada um deve respeitar o outro na sua diferença.*
- \* *A contracepção não deveria medicalizar excessivamente a relação sexual, por razões simultaneamente sociais (limitar a intervenção da medicina, cujos desenvolvimentos levantam mais problemas do que resolvem) e íntimas (conservar na relação sexual a sua “poesia” ... “e sobretudo a sua profundidade e o envolvimento de todo o ser”).*
- \* *A contracepção deveria ser da responsabilidade dos cônjuges e não ser sujeita a uma obrigação governamental.*
- \* *Finalmente, a contracepção deveria ser eficaz, reversível e o mais satisfatória possível, tendo em conta a situação particular do casal que procura limitar o número de filhos».*

«*A Igreja*», escreve o Padre Thévenot, «*no seu Magistério, procura ter em conta estas realidades. Ela recorda com vigor que o que está em jogo a nível humano na regulação da natalidade é muito importante. Mais, ela esforça-se por indicar aos cristãos que tipo de método mais se aproxima do método “ideal” definido acima*».

«*Segundo o Magistério, os métodos chamados “naturais”<sup>3</sup> são os que têm mais hipóteses de ser humanizantes. Com efeito, estes métodos apresentam, apesar dos seus inconvenientes, muitas vantagens. Em primeiro lugar, são pouco medicalizados e escapam completamente ao apertado controlo dos governos. Sobretudo, implicam os dois cônjuges. Como nota João Paulo II, “a escolha dos ritmos natu-*

<sup>3</sup> Neste contexto, “natural” significa que respeita a natureza do acto e não perturba o ritmo da natureza. É melhor falar de “métodos de auto-observação” do que de “métodos naturais”.

rais comporta a aceitação do ritmo biológico, e com isto também a aceitação do diálogo, do respeito recíproco da responsabilidade comum, do domínio de si. Aceitar o tempo e o diálogo significa reconhecer o carácter conjuntamente espiritual e corpóreo da comunhão conjugal, como também viver o amor pessoal na sua exigência de fidelidade” (Familiaris Consortio, 32). Os cristãos são, pois, convidados pelo Papa a reconhecer que o ensinamento de Paulo VI na encíclica *Humanae Vitae* constitui uma “normativa para o exercício da sexualidade” (ibid., 34)».

«Mas é importante compreender bem qual é o papel da norma na vida quotidiana. Uma norma não é uma receita. Tem por função indicar o caminho mais usual de humanização. É para cada pessoa como que uma referência que obriga a sair das suas impressões imediatas para avaliar o que realmente está em jogo nos seus comportamentos. É o fruto de uma reflexão sobre a experiência humana e cristã que teve em conta todas as dimensões do agir, inclusive as suas dimensões sócio-colectivas, e as suas repercussões a longo prazo. A norma é o que faz ver a acção à luz do objectivo último a atingir e perceber o crescimento em nós da imagem de Deus. Em resumo, cada norma é um desafio à reflexão para ver se se está a acolher o Reino de Deus».

«Todavia, há que considerar dois factos: em primeiro lugar, nem todas as normas são observáveis simultaneamente. Por exemplo, é frequente a norma “não recusarás a fecundidade” estar em conflito com a norma “velarás pelo desabrochar do teu cônjuge”. Em segundo lugar, cada norma nem sempre é aplicável aqui e agora por determinada pessoa, em virtude de dificuldades pessoais ou sociais incontornáveis. Por exemplo, há mulheres com um ciclo tão irregular que lhes é impossível recorrer a métodos contraceptivos “naturais”.

Para tomar consciência destes dois factos, João Paulo II introduz, na sua exortação apostólica, a noção de “lei da gradualidade”, que é um convite a caminhar com mais amor, tendo bem em conta as situações na sua complexidade».

«Concretamente, um casal cristão que escolhe um método deve deixar-se interpelar pelo Magistério e ver se, para si, um método natural não será realmente possível. Se o recurso a um método “artificial” se revelar indispensável, o casal cristão pode então considerar que a recomendação do Magistério não é para ele uma norma a observar imediatamente. (...)».

«Depois de uma reflexão comum feita com todo o cuidado que exige a grandeza da sua vocação conjugal, os esposos optarão por outro tipo de método, mantendo “o coração disponível ao apelo de Deus, atentos a toda a nova possibilidade que ponha em causa a sua escolha ou o seu comportamento de hoje”»<sup>4</sup>.

### **Os métodos de regulação da natalidade**

Embora estes métodos sejam conhecidos, pareceu-nos útil lembrá-los, ainda que de forma não exaustiva.

*\* Métodos de planeamento natural:*

- o mais antigo: “Ogino” (para memória);
- os métodos de auto-observação baseados na observação que a própria mulher faz dos sinais que a natureza lhe apresenta durante o seu ciclo; podem incluir-se nesta categoria:
  - o método das temperaturas;
  - o método sintotérmico (que tem em conta ao mesmo tempo o muco cervical e a posição do colo do útero);
  - o método “Billings” (unicamente o muco cervical);
  - os métodos do tipo “Persona”.

No contexto destes métodos, sendo o conhecimento do período fértil assim adquirido, e, é claro, na hipótese de o casal não desejar a vinda de um filho, podem considerar-se vários comportamentos: a abstinência periódica, nos períodos férteis, a «ternura continente», que dá lugar a uma ternura afectuosa muito mais desenvolvida.

*\* Métodos contraceptivos em que se intervém para impedir o encontro do espermatozóide e do óvulo:*

- os espermicidas;
- os preservativos;

<sup>4</sup> Comentário dos bispos franceses à encíclica de Paulo VI *Humanae Vitae* sobre a regulação da natalidade.

- os contraceptivos (a pílula), que bloqueiam a ovulação, ou, não a bloqueando, tornam o muco cervical infértil, o que respeita mais o ciclo hormonal da mulher.

\* *Outros métodos:*

- os dispositivos intra-uterinos, antinidatórios, que impedem não a fecundação mas a nidação;
- as “pílulas do dia seguinte”, que impedem a nidação (RU486) e provocam uma menstruação, tenha ou não havido nidação ou mesmo fecundação; e, mais recentemente, as pílulas do tipo Norlevo.

\* *Lembremos também decisões mais extremas:*

- a modificação voluntária da capacidade de procriação (laqueação das trompas, vasectomia, etc.);
- e, infelizmente em certos casos, o aborto, terapêutico ou não.

Para cada um destes métodos, convém considerar o ensino do Magistério e os aspectos práticos — inocuidade, eficácia, facilidade de utilização, reversibilidade, independência — e tomar conscientemente as decisões relativas ao casal, na sua situação actual. As reflexões em torno da consciência vistas no capítulo anterior e as questões que se seguem devem ajudar no discernimento.

A respeito da fecundidade, que nos diz, em síntese, o Magistério, intérprete encarnado da Palavra de Deus?

- \* No mesmo acto, desde a criação, estão unidos a expressão do amor entre o homem e a mulher e o poder de transmitir a vida; para respeitar este plano de Deus, convém que estes dois aspectos continuem intrinsecamente unidos.
- \* «Não matarás» foi sempre um dos mandamentos essenciais dados por Deus ao seu povo. A Igreja tem-se mantido constante relativamente a esta exigência de respeito pela vida, desde a sua origem.

## **PERGUNTAS**

### **Para o diálogo em casal**

- \* Que significa para o nosso casal a palavra «fecundidade»? Quais são as várias fecundidades do nosso casal? Como têm evoluído ao longo da nossa vida conjugal?
  
- \* Poderemos expressar o que, no nosso casal, é fonte de fecundidade interior: vida sexual, relação amorosa, outras fontes de fecundidade ...?
  
- \* Num “dever de se sentar”, vejamos juntos a nossa atitude face à fecundidade, na situação em que estamos: método de regulação da natalidade, procura de procriação, fecundidade social, associativa, política, eclesial ...
  
- \* Vejamos como a nossa sexualidade está imbuída do respeito pelo outro e visa a procura de um equilíbrio face à expressão da sexualidade de cada um.

### **Para o diálogo em equipa**

- \* Logo no início, Deus fez de modo que estivessem unidos no mesmo acto a expressão do amor entre o homem e a mulher e a possibilidade de transmitir a vida. A Igreja sempre pediu que esta intenção inicial de Deus fosse respeitada. Como manter o encanto que esta união suscita para que ilumine os nossos juízos de valor e as nossas escolhas?

\* «*A vida humana é sagrada, pois desde a origem requer a acção criadora de Deus*»<sup>5</sup>. Estamos aqui na linha directa do Decálogo: «*não matarás*». Procuramos formar a nossa consciência neste aspecto, procurando, por exemplo, conhecer os movimentos que trabalham em prol do respeito pela vida ou lendo a encíclica *Evangelium Vitae*?

\* Dedicamos tempo a informar-nos acerca dos progressos da ciência e dos graves problemas éticos levantados por algumas das suas aplicações - estatuto do embrião, clonagem, fertilização *in vitro* e transferência de embriões, inseminação, diagnóstico pré-natal, aborto terapêutico ...?

## **ORAÇÃO**

**Texto para a oração** (Gn 1, 28-31):

*Deus abençoou-os e disse-lhes: «Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra».*

*Deus disse: «Dou-vos todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente; isso será o vosso alimento. A todas as feras, a todas as aves do céu, a tudo o que rasteja sobre a terra e que é animado de vida, Eu dou como alimento toda a verdura das plantas». E assim se fez.*

*Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã: sexto dia.*

<sup>5</sup> João XXIII, Encíclica *Mater et Magistra*.

## TEXTOS DE ACOMPANHAMENTO

### Vem, meu amado

Eu pertenço ao meu amado  
seu desejo o impele para mim.

Vem meu amado  
corramos ao campo  
passemos a noite sob os cedros  
madruguemos pelos vinhedos  
vejamos se as vides rebentam  
abrem os seus botões  
se já brotam os cachos.

Lá te darei as minhas carícias  
as mandrágoras exalam o seu perfume  
à nossa porta há toda a sorte de frutos  
frutos novos, frutos secos que eu tinha guardado  
meu amado para ti.

*Cântico dos Cânticos, capítulo 7, versículos 11 a 14*

### Aspecto libertador e construtivo da Lei

«Só a pouco e pouco o ser humano consegue hierarquizar e integrar as suas múltiplas tendências até as ordenar harmoniosamente nessa virtude de castidade conjugal em que o casal descobre o seu pleno desabrochar humano e cristão. *Esta obra de libertação, porque assim é de facto, é fruto da verdadeira liberdade dos filhos de Deus, cuja consciência exige ao mesmo tempo ser respeitada, educada e formada, num clima de confiança e não de angústia, em que as leis morais, longe de terem a frieza desumana de uma objectividade abstracta, existem para orientar o casal na sua caminhada. Com efeito, quando os esposos se esforçam, paciente e humildemente, sem se deixarem*

*desencorajar pelos fracassos, por viver em verdade as profundas exigências de um amor santificado que as regras morais lhes recordam, estas deixam de ser rejeitadas como um entrave e passam a ser reconhecidas como um poderoso auxílio».*

Extraído do *Catecismo da Igreja Católica* <sup>6</sup>

### **Discernir o essencial**

É com um acto capaz de transmitir a vida que duas pessoas manifestam o seu amor. É com o mesmo gesto que dão vida e dizem o seu amor. Dissemos que devia ser sempre um acto de amor. Deverá ser sempre um gesto que dá vida? Que dá sempre vida sabemos que não é. Mas, para a *Humanae Vitae*, «qualquer acto matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida» (n.º 11), o que implica «que não deve prejudicar a disponibilidade para transmitir a vida».

Que quer isto dizer? Será preciso que, de cada vez que um casal se une, deseje transmitir a vida? Certamente que não. A Igreja reconhece aos pais o direito de determinarem o número de filhos e, consequentemente, de decidir não os ter de momento ou de não ter mais. A *Humanae Vitae* recorda: «A paternidade responsável exerce-se tanto com a deliberação ponderada e generosa de fazer crescer uma família numerosa como com a decisão, tomada por motivos graves e com respeito pela lei moral, de evitar temporariamente, ou mesmo por tempo indeterminado, um novo nascimento» (n.º 10).

Se «qualquer acto matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida», será legítimo um casal unir-se quando sabe que esse gesto não pode realmente transmitir a vida (esterilidade, após a menopausa, durante a gravidez ou nos períodos estéreis do ciclo da mulher)? Houve algumas hesitações a este respeito nos primeiros tempos da Igreja, mas a resposta é, sem hesitação, sim. Esses actos, mesmo que sejam apenas actos de amor, mantêm todo o seu valor.

Para citar a *Humanae Vitae*: «não deixam de ser legítimos se, por causas independentes da vontade dos cônjuges, se prevê que vão ser infecundos, pois que permanecem destinados a exprimir e a consolidar a sua união» (n.º 11).

<sup>6</sup> N.ºs 2360 a 2379.

Se «qualquer acto matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida», poderá um casal escolher unir-se apenas durante os períodos estéreis? Claro que sim, se não se tratar de uma recusa absoluta à vida. É preciso formular esta pergunta: por que recusamos ter filhos de momento? Por egoísmo? Por amor ao conforto? Para conservar a nossa liberdade (carro, casa, viagem)? Ou por amor (bem-estar dos filhos que já existem, saúde da mãe)? Um motivo egoísta não justifica nenhum método, mesmo aprovado pelo Papa. É, em primeiro lugar, no coração que é preciso manter-se aberto à vida.

Poderá um casal unir-se impedindo voluntariamente que esse acto transmita a vida? É aqui que intervém a recusa da *Humanae Vitae*: «É de excluir toda a acção que, ou em previsão do acto conjugal, ou durante a sua realização, ou também durante o desenvolvimento das suas consequências naturais, se proponha, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação» (n.º 14). É com um acto que não tenha sido voluntariamente privado da sua capacidade de transmitir a vida que um casal deve amar-se. Se o casal quiser unir-se e não ter filhos, é preciso que isso seja feito com um gesto da mesma natureza que aquele que teria permitido ter filhos noutra altura. Caso contrário, perde-se a intenção inicial: já não é com um gesto que poderia dar vida que eu manifesto o meu amor. É isto que a *Humanae Vitae* explica: há uma «conexão inseparável que Deus quis e que o homem não pode alterar por sua iniciativa entre os dois significados do acto conjugal: o significado unitivo e o significado procriador ... Salvaguardando estes dois aspectos essenciais, unitivo e procriador, o acto conjugal conserva integralmente o sentido de amor mútuo e verdadeiro e a sua ordenação para a altíssima vocação do homem para a paternidade» (n.º 12).

A Igreja acredita que a sexualidade se desvaloriza se se separar o amor da abertura ao filho. Ninguém contesta isso. A discussão tem a ver com o facto de se saber se essa abertura diz respeito apenas ao coração ou se deve ter necessariamente um significado físico e corporal em cada acto. Se um casal recusa os filhos para o bem dos filhos que já existem ou prefere esperar para acolher o filho em melhores circunstâncias, poderá dizer-se que essa recusa da vida agora é uma recusa total da vida? A recusa da fecundidade hoje não é fechar-se à vida, mas consequência do acolhimento de ontem à vida ou da disponibilidade para a acolher amanhã. Esta abertura de toda a vida não será suficiente? A abertura a nível do coração não bastará sem ser necessário significá-la sempre ao nível do corpo? Era esta a opinião da maioria dos teólogos consultados por Paulo VI, mas o Papa res-

pondeu categoricamente: é também na estrutura física de cada acto de união que isso se deve manifestar. É a verdadeira forma de manifestar a união dos dois aspectos indissociáveis da sexualidade.

É verdade que o desejável era que cada acto pudesse unir os dois. Os casais que viveram tranquilamente esta forma de regulação podem dizer quanto isso foi benéfico para eles. Experiências de informação e de sensibilização mostram que esta regulação é mais fácil de concretizar do que se diz. Seria mesmo desejável do mero ponto de vista humano ou médico. O método de contracepção menos pesado do ponto de vista humano, o que tem menos consequências nefastas, é certamente a abstinência periódica. Esta contracepção sem violência, em que se vive em harmonia com os ritmos do corpo, aproveitando os seus períodos estéreis, é certamente menos perigosa para o corpo do que os métodos que o agriem, tais como as pílulas utilizadas durante longos períodos, já para não falar do dispositivo intra-uterino ou dos «mini-abortos» repetidos.

Curiosamente são hoje os ecologistas, preocupados com as agressões que as técnicas modernas infligem à natureza, que reconhecem que havia sabedoria nas palavras do Papa. Se se tivesse despendido bastante dinheiro para afinar indicadores fiáveis para anunciar a iminência da ovulação e, logo, reduzir ao mínimo a abstinência garantindo a segurança, ter-se-ia talvez trabalhado num caminho mais prometededor. Se um casal pode, sem dificuldade, garantir assim uma regulação eficaz da natalidade, é com certeza dessa forma que se deve agir. Algumas pessoas decidiram talvez demasiado depressa que não havia nada a procurar por este lado.

Isto é desejável, mas nem sempre realizável. Pode acontecer que alguns casais devam ou queiram legitimamente evitar um novo nascimento e não tenham outros meios senão o recurso a contraceptivos para garantir eficazmente essa regulação. A adesão ao pensamento do Papa não deve levar a afirmar demasiado depressa que quem elimina artificialmente a possibilidade de conceber um filho reduz a união conjugal a uma ocasião para satisfazer o egoísmo de cada um. Isso seria admitir que, de cada vez que a concepção não é possível, o acto de união não passa de um acto de egoísmo. É que se podem utilizar os meios artificiais com muito amor no coração pela mulher e pelos filhos. É porque um homem ama a mulher que não quer lhe impor cargas demasiado pesadas para ela, para a sua saúde e para a família, e porque, neste caso particular, não se encontraram outros meios eficazes.

Era o que diziam os bispos franceses em 1968: *«Ninguém ignora as angústias espirituais com que se debatem os esposos sinceros, nomeadamente quando a observância dos ritmos naturais não consegue dar uma base suficientemente segura à regulação da natalidade. Por um lado, têm consciência do dever de respeitarem a abertura à vida de todo o acto conjugal; por outro lado julgam, em consciência, dever evitar ou adiar um novo nascimento e não podem confiar nos ritmos biológicos.*

*Por outro lado, no que lhes diz respeito, não vêem como renunciar à expressão física do seu amor sem que a estabilidade do seu lar seja ameaçada. A este propósito, lembraremos apenas o ensino constante da moral: quando se está perante uma alternativa de deveres em que, qualquer que seja a decisão tomada, não se pode evitar um mal, a sabedoria tradicional prevê que se procure diante de Deus qual é o dever maior no caso presente. Os esposos decidir-se-ão após uma reflexão comum feita com todo o cuidado que a grandeza da sua vocação conjugal exige».* Não havia aqui desprezo algum pela palavra do Papa. Como tudo o que é importante não é simultaneamente possível, há que salvaguardar o que é mais importante. E o que é mais importante é a sobrevivência do casal.

Havia quem estivesse pronto a dizer aos casais: «Nesse caso, só há uma solução: abster-se enquanto essa situação durar». Mas o casal tem tanta necessidade de amor como de filhos. Por que é que os esposos deveriam esperar por ser definitivamente infecundos para de novo expressarem fisicamente o seu amor? Por que é que os que têm a sorte de ser fecundos haviam de ser penalizados em relação aos que o não são? Se estes podem usar a sexualidade *«para exprimir e consolidar a sua união»*, como reconhece a *Humanae Vitae*, não terão aqueles a mesma necessidade? E poder-se-á pedir aos casais que se abstenham tanto tempo, correndo o risco de esquecer a resposta de S. Paulo a quem lhe perguntava se seria bom que o homem se abstinêsse da sua mulher: *«Não vos recuseis um ao outro, a não ser de mútuo acordo e por algum tempo, para vos dedicardes à oração; depois, voltai de novo um para o outro, para que Satanás não vos tente»* (1 Cor 7, 5) Será S. Paulo menos actual hoje do que outrora?

Eis o que está em jogo. Compete a cada casal decidir o que deve fazer procurando o que é mais importante e mais urgente a seus olhos. Porque é sempre à consciência que compete decidir em última instância. A consciência não pretende determinar o que em si é bem ou mal, mas tem a missão de escolher o que se deve fazer numa situação



concreta para salvaguardar o essencial, tendo em conta os apelos escutados, as obrigações e o que é possível. Nunca ninguém o pode fazer em seu lugar. Apesar de tudo, será sempre necessário recordar que estas questões de métodos contraceptivos, por mais importantes que sejam, não são nem o todo da sexualidade nem tudo da vida do casal. Nem toda a vida cristã se joga aí.

O essencial continuará sempre a ser a orientação espiritual profunda da vida do casal. Se um casal coloca toda a sua vida sob o signo do amor, de uma profunda união ao Senhor e de um dom autêntico aos outros, tanto na família como no conjunto das suas relações, esse casal saberá encontrar o seu caminho, mesmo nas situações mais difíceis. Pode hesitar ou enganar-se, pode mesmo conhecer fraquezas, mas nunca se perderá por muito tempo. Não há melhor garante para discernir diante de Deus o que é verdadeiramente essencial.

Padre Charles Bonnet,  
«À propos de *Humanae Vitae*», artigo publicado na revista *Alliance*, n.º 71.



**«Glorificai a Deus no vosso corpo»**

(1 Cor 6, 20)

## CAPÍTULO 8

### **O vosso corpo é templo do Espírito Santo**

#### **TESTEMUNHOS**

*«Estou cansado até à indiferença daqueles que dizem mal da carne. Ou a chicoteiam e a cansam como um animal de carga e, depois de lhe terem pedido o que ela não quis dar, queixam-se da sua fragilidade; ou então acorrentam-na como um animal feroz que estivesse à espreita do espírito para o devorar, sem ver que o grande combate se trava no próprio interior desse espírito. Isto não é senão a projecção na carne da impureza da alma, em suma, a necessidade de um bode expiatório»*

*Gustave Thibon*<sup>1</sup>

*«O corpo é feito para a alma, para a traduzir, para a fazer desabrochar e para a dar»*

*Jean Mouroux*<sup>2</sup>

#### **ELEMENTOS DE REFLEXÃO**

##### **Introdução**

Nesta etapa do tema, chegamos, de certa forma, ao cume da nossa reflexão, pois não se fala de elementos dissociados ou de etapas isola-

<sup>1</sup> Escritor e filósofo francês.

<sup>2</sup> Teólogo francês.

das e de teorias mais ou menos bonitas e talvez utópicas, mas da nossa realidade concreta de casais cristãos que vivem um sacramento da Igreja. Temos que integrar os dados de que falámos nos capítulos anteriores e procurar fazer a sua síntese, uma recapitulação que possa dar-nos uma visão de conjunto de toda a nossa procura e de todos os dados da nossa experiência.

Com efeito, é intenção deste último capítulo encontrar a chave que possa abrir-nos à convicção de que a nossa vida de casal se baseia numa vontade muito explícita do Deus Criador, e que, a todos os níveis da nossa vida a dois, essa vontade se explicita através de uma descoberta da nossa dimensão transcendente. Passar, como sugere o título do capítulo, do corpo à pessoa, do carnal ao espiritual, numa palavra, acreditar na extraordinária possibilidade da santificação do nosso amor, em todos os domínios da nossa relação conjugal.

### **Abordagens**

Na nossa preocupação de exactidão, e no nosso desejo de encontrar a expressão do pensamento actual, retomemos muito simplesmente, e quase sem comentários, uma série de textos, documentos e alocuções do Papa João Paulo II <sup>3</sup>.

### **Para uma teologia mais positiva da sexualidade**

\* *A sexualidade é dom de Deus.* Por isso, é boa em si e, quando utilizada como Deus a entende, enriquece e enobrece. Este ponto deve ser realçado de forma a romper com o pensamento dualista do passado, e também do nosso tempo, que rebaixa o corpo e a sexualidade.

\* *A sexualidade é uma força orientada para a relação.* Não é apenas a capacidade de realizar actos específicos. Faz parte da nossa força ou capacidade natural que Deus nos dá para estabelecer relações com outrem. Dá cor às qualidades de sensibilidade, de calor, de abertura e de respeito mútuo nas nossas relações interpessoais. A este nível, é importante notar que *a sexualidade humana se reveste também de uma dimensão social.* Enquanto parte integrante da nossa natureza, influencia as nossas relações e o nosso equilíbrio a nível da sociedade, bem como as nossas relações pessoais com outras pessoas.

<sup>3</sup> Documentação católica - *Questões actuais*, n.º 8 «A sexualidade um dom de Deus».

\* Assim entendida, *a sexualidade não pode confundir-se com a genitalidade*, conceito mais restrito que diz respeito às expressões físicas da sexualidade orientadas para a união genital. *O contexto particular do casamento é necessário na suprema expressão física da sexualidade*, para servir o amor humano e a vida humana com generosidade, sem a ilusão que constituem as relações antes do casamento e fora dele. A complementaridade da sexualidade (homem e mulher) e o seu dinamismo ardente orientado para a união reflectem em termos humanos a unidade dinâmica que existe no Deus Trino. Assim, *a diferença entre os sexos é visivelmente boa e querida por Deus* desde o princípio como parte integrante da sua própria revelação. E também se percebe *a necessidade de integridade simultaneamente física e psíquica no acto da união sexual*, pela qual os esposos se exprimem e se realizam.

«O homem tornou-se “*imagem e semelhança de Deus*” não só mediante a própria própria humanidade, mas ainda mediante a comunhão de pessoas que o homem e a mulher formam desde o princípio ... *O homem torna-se imagem de Deus não tanto no momento da solidão mas principalmente no momento da comunhão*. Ele, de facto é desde “o princípio” não só imagem em que se espelha a solidão de uma Pessoa que governa o mundo, mas também e essencialmente imagem de uma imperscrutável comunhão divina de Pessoas» (entre aspas: o pensamento de João Paulo II nas suas alocuções; ver *L'Osservatore Romano* de 18 de Novembro de 1979 <sup>4</sup>).

«Precisamente a função do sexo que é, em certo sentido, “constitutivo da pessoa” (não apenas “atributo da pessoa”), mostra quão profundamente o ser humano, com toda a sua solidão espiritual, com a unicidade e irrepetibilidade própria da pessoa, é constituído pelo corpo como “ele” e como “ela”. A presença do elemento feminino, ao lado do masculino e juntamente com ele, tem o significado de um enriquecimento para o homem em toda a perspectiva da sua história, incluindo a história da salvação» (*Ibid.*, 25 de Novembro de 1979).

«O homem e a mulher constituem quase dois modos diversos do humano “ser corpo”, na unidade daquela imagem [de Deus]» (*Ibid.*, 6 de Janeiro de 1980). «O corpo humano, com o seu sexo, e a sua masculinidade e feminidade, visto no mistério mesmo da criação, é não só fonte de fecundidade e de procriação, como em toda a ordem natural,

<sup>4</sup> Citações transcritas da edição semanal portuguesa de *L'Osservatore Romano*, cujas datas são referidas (*N. do T.*).

mas encerra desde “o princípio” o atributo “esponsal”, isto é, a capacidade de exprimir o amor: exactamente aquele amor em que o homem-pessoa se torna dom e — mediante esse dom — pratica o sentido mesmo do seu ser e existir» (*Ibid.*, 20 de Janeiro de 1980).

«A consciência do significado do corpo que dela deriva — em particular do seu significado “esponsal” — constitui o elemento fundamental da existência humana no mundo ... O corpo tem significado “esponsal” porque o homem-pessoa, como diz o Concílio, é criatura que Deus quis por si mesma, a qual, ao mesmo tempo, não pode encontrar-se plenamente senão mediante o dom de si mesma» (*Ibid.*, 20 de Janeiro de 1980).

### **O homem, imagem do Deus amor**<sup>5</sup>

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (Gn 1, 26-27). Chamando-o à existência por amor, chamou-o ao mesmo tempo ao amor.

Deus é amor (1 Jo 4, 8) e vive em Si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Ao criar a humanidade do homem e da mulher à sua imagem, e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreveu nela a vocação ao amor e à comunhão e, portanto, a capacidade e a responsabilidade correspondentes (*Gaudium et Spes*, 12). O amor é, portanto, a fundamental e original vocação do ser humano.

Porque o homem é um espírito encarnado, isto é, uma alma que se exprime no corpo e um corpo informado por um espírito imortal, o homem é chamado ao amor na sua totalidade unificada. O amor abraça também o corpo humano e o corpo torna-se participante do amor espiritual.

A Revelação cristã conhece dois modos específicos de realizar a vocação da pessoa humana na sua totalidade ao amor: o Matrimónio e a Virgindade. Quer um quer outro, na sua respectiva forma própria, é a concretização da verdade mais profunda do homem, o seu «ser à imagem de Deus».

Por consequência, a sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se dão um ao outro com os actos próprios e exclusivos dos esposos, não é algo de puramente biológico, mas diz respeito à pessoa humana como tal no que ela tem de mais íntimo. Esta só se realiza de

<sup>5</sup> Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, 11.

maneira verdadeiramente humana se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se comprometem totalmente um para com o outro até à morte. A doação física total seria falsa se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total, na qual toda a pessoa, mesmo na sua dimensão temporal, está presente. Se a pessoa se reservasse alguma coisa ou a possibilidade de decidir de modo diferente no futuro, só por isso já não seria uma doação total.

Esta totalidade, pedida pelo amor conjugal, corresponde também às exigências da fecundidade responsável: orientada como está para a geração de um ser humano, supera, por sua própria natureza, a ordem puramente biológica, e abarca um conjunto de valores pessoais, cujo crescimento harmonioso exige dos pais contributo permanente e concorde.

O «lugar» único, que torna possível esta doação segundo toda a verdade, é o matrimónio, isto é, o pacto de amor conjugal ou escolha consciente e livre, pela qual o homem e a mulher aceitam a comunidade íntima de vida e de amor, querida pelo próprio Deus (*Gaudium et Spes*, 48), que só a esta luz manifesta o seu verdadeiro significado. A instituição matrimonial não é uma ingerência indevida da sociedade ou da autoridade, nem a imposição extrínseca de uma forma, mas uma exigência interior do pacto de amor conjugal que publicamente se afirma como único e exclusivo, para que seja vivida assim a plena fidelidade ao desígnio de Deus Criador. Longe de diminuir a liberdade da pessoa, esta fidelidade protege-a contra o subjectivismo e relativismo e fá-la participante da Sabedoria Criadora.

### **O matrimónio e a comunhão entre Deus e os homens**<sup>6</sup>

A comunhão de amor entre Deus e os homens, conteúdo fundamental da Revelação e da experiência de fê de Israel, encontra expressão significativa na aliança nupcial, realizada entre o homem e a mulher.

É por isso que a palavra central da Revelação, «Deus ama o seu povo», é também pronunciada através das palavras vivas e concretas com que o homem e a mulher declaram o seu amor conjugal. O seu vínculo de amor torna-se a imagem e o símbolo da Aliança que une Deus e o seu povo (*cf.* Os 2, 21; Jr 3, 6-13; Is 54). E o pecado, que pode ferir o pacto conjugal, torna-se imagem da infidelidade do povo

<sup>6</sup> Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, 12.

para com o seu Deus: a idolatria é prostituição (*cf.* Ez 16, 25), a infidelidade é adultério, a desobediência à lei é abandono do amor nupcial para com o Senhor. Mas a infidelidade de Israel não destrói a fidelidade eterna do Senhor. Por isso, o amor sempre fiel de Deus é apresentado como modelo das relações do amor fiel que devem existir entre os esposos (*cf.* Os 3).

### **Jesus Cristo, esposo da Igreja, e o sacramento do matrimónio**<sup>7</sup>

A comunhão entre Deus e os homens encontra a sua definitiva realização em Jesus Cristo, o Esposo que ama e Se dá como Salvador da humanidade, unindo-a a Si como seu corpo.

Ele revela a verdade originária do matrimónio, a verdade do «princípio» (*cf.* Gn 2, 24; Mt 19, 5) e, libertando o homem da dureza do seu coração, torna-o capaz de a realizar inteiramente.

Esta revelação atinge a plenitude definitiva no dom do amor que o Verbo de Deus faz à humanidade, assumindo a natureza humana, e no sacrifício que Jesus Cristo faz de Si mesmo sobre a cruz pela sua Esposa, a Igreja. Neste sacrifício manifesta-se inteiramente o desígnio que Deus imprimiu na humanidade do homem e da mulher, desde a sua criação. O matrimónio dos baptizados torna-se assim o símbolo real da Nova e Eterna Aliança, selada no Sangue de Cristo. *O Espírito, que o Senhor infunde, dá um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem, como Cristo nos amou. O amor conjugal atinge a plenitude para a qual está interiormente ordenado: a caridade conjugal, que é o modo próprio e específico com que os esposos participam e são chamados a viver a mesma caridade de Cristo que Se entrega sobre a Cruz.*

Numa página merecidamente famosa, Tertuliano exprimiu bem a grandeza e a beleza da vida conjugal em Cristo: «Como conseguir expor a felicidade do matrimónio, que a Igreja favorece, que a oblação eucarística reforça, que a bênção sela, que os anjos anunciam e que o Pai ratifica? Que jugo o de dois fiéis unidos por uma só esperança, uma só disciplina, uma só servidão! Ambos são filhos do mesmo Pai, servos do mesmo Senhor; nada os separa, nem no espírito nem na carne; pelo contrário, são verdadeiramente dois numa só carne. Ora a carne é uma só, um só é o espírito» (Tertuliano, *Ad uxorem*, II, VIII, 6-8, *Sources chrétiennes* 273, p. 49).

<sup>7</sup> Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, 13.

Acolhendo e meditando fielmente a Palavra de Deus, a Igreja tem solenemente ensinado e ensina que o matrimónio dos baptizados é um dos sete sacramentos da Nova Aliança (Concílio de Trento, Sessão XXIV).

De facto, mediante o baptismo, o homem e a mulher estão definitivamente inseridos na Nova e Eterna Aliança, na Aliança nupcial de Cristo com a Igreja. E é em razão desta indestrutível inserção que a íntima comunidade de vida e de amor conjugal, fundada pelo Criador (cf. *Gaudium et Spes*, 48), é elevada e assumida pela caridade nupcial de Cristo, sustentada e enriquecida pela sua força redentora.

Em virtude da sacramentalidade do seu matrimónio, os esposos estão unidos um ao outro da maneira mais profundamente indissolúvel. *Pertencendo um ao outro, representam realmente, através do sinal sacramental, a relação de Cristo com a Igreja.*

Os esposos são, portanto, para a Igreja a recordação permanente do que aconteceu sobre a Cruz. São *um para o outro, e para os filhos, testemunhas da salvação* da qual o sacramento os torna participantes. Deste acontecimento de salvação, o matrimónio, como cada um dos sacramentos, *é memorial, actualização e profecia*: «Enquanto **memorial**, o sacramento dá-lhes a graça e o dever de recordar as grandes obras de Deus e de as testemunhar aos filhos; enquanto **actualização**, dá-lhes a graça e o dever de realizar no presente, um para com o outro e para com os filhos, as exigências do amor que perdoo e que redime; enquanto **profecia**, dá-lhes a graça e o dever de viver e de testemunhar a esperança do futuro encontro com Cristo»<sup>8</sup>.

Como cada um dos sete sacramentos, também o matrimónio é símbolo real do acontecimento da salvação, mas de um modo próprio. «Os esposos participam nele enquanto esposos, a dois como casal, a tal ponto que o efeito primeiro e imediato do matrimónio (*res et sacramentum*) não é propriamente a graça sacramental, mas o vínculo conjugal cristão, comunhão a dois tipicamente cristã porque representa o mistério da encarnação de Cristo e o seu Mistério de Aliança. O conteúdo da participação na vida de Cristo é também específico: o amor conjugal comporta uma totalidade na qual entram todos os componentes da pessoa — chamamento do corpo e do instinto, força do sentimento e da afectividade, aspiração do espírito e da vontade. O amor conjugal tem por fim uma unidade profunda pessoal, aquela que, para

<sup>8</sup> João Paulo II, discurso aos delegados do «Centre de Liaison des Equipes de Recherche» (3 de Novembro de 1979).

além da união numa só carne, conduz a um só coração e a uma só alma; exige a indissolubilidade e a fidelidade da doação recíproca definitiva e abre-se à fecundidade (cf. encíclica *Humanae Vitae*, 9). Numa palavra, trata-se de características normais do amor conjugal natural, mas com um significado novo que não só as purifica e as consolida mas as eleva a ponto de as tornar expressão dos valores propriamente cristãos»<sup>9</sup>.

### **A nossa reflexão**

Os textos citados colocam-nos numa óptica sobrenatural, enraizada na realidade humana que vivemos. Lembram-nos os etapas da nossa caminhada, conduzindo-nos à santificação do amor através do sacramento que vivemos no nosso matrimónio. O encontro dos nossos corpos é um encontro de pessoas que se amam e que receberam do Criador o dom de poderem exprimir o seu amor numa intimidade sempre nova e cada vez mais orientada ao e pelo amor infinito de Deus. É uma comunhão de corpos que se torna comunhão de pessoas e que, pela graça do sacramento, se torna também lugar a que se pode chamar sagrado, pois a presença de Deus e da sua graça dá-lhe uma dimensão que ultrapassa a ordem natural.

### **Texto de apoio**

*«A partilha total entre dois seres é impossível e, de cada vez que se pensar que se realizou tal partilha, está-se perante uma união que priva um dos parceiros, ou até os dois, da possibilidade de se desenvolver plenamente.*

*Mas, quando se tiver tomado consciência da distância infinita que haverá sempre entre dois seres humanos, quaisquer que eles sejam, é possível uma vida maravilhosa “lado a lado”: será necessário que os dois parceiros se tornem capazes de amar essa distância que os separa e graças à qual cada um deles descobre o outro na sua totalidade, recortado no céu» (Rainer Maria Rilke<sup>10</sup>).*

<sup>9</sup> João Paulo II, discurso aos delegados do «Centre de Liaison des Equipes de Recherche» (3 de Novembro de 1979).

<sup>10</sup> Escritor austríaco.

## O Novo Testamento ...

Caríssimos,  
se Deus assim nos amou,  
devemos, nós também, amar-nos uns aos outros.  
Ninguém jamais contemplou a Deus.  
Se nos amarmos uns aos outros,  
Deus permanece em nós,  
e o seu amor em nós é elevado à perfeição ...  
Deus é amor:  
aquele que permanece no amor  
permanece em Deus e Deus permanece nele.

*(1 Jo 4)*

## PERGUNTAS

### Para o diálogo em casal

- \* Lemos com atenção os textos do Magistério citados? Recomenda-se uma leitura progressiva em certos momentos de paz ...
- \* Esses textos dão-nos uma dimensão mais profunda do sentido transcendente do nosso matrimónio, no plano criador de Deus?
- \* Vemos o sentido de dom total e de promessa que não falha (o sentido do amor sponsal indica um dom mútuo e irreversível)?
- \* Como é que esta reflexão reforça a nossa união, dando-lhe uma base sobrenatural no contexto da dinâmica dos sacramentos?

- \* Reflectir com profundidade no sentido espiritual do sacramento e na necessidade de dar testemunho dele.

### **Para o diálogo em equipa**

- \* Partilhar as descobertas feitas em casal ... Confrontar os vários pontos de vista e as perspectivas novas de cada um.

## **ORAÇÃO**

### **Texto para a oração da equipa (1 Cor 6, 5-15):**

*Digo isto para confusão vossa. Não se encontra entre vós alguém suficientemente sábio para poder julgar entre os seus irmãos? No entanto, acontece que um irmão entra em litígio contra seu irmão, e isto diante de infiéis! De qualquer modo, já é para vós uma falta a existência de litígios entre vós. Por que não preferis, antes, padecer uma injustiça? Por que não vos deixais, antes, defraudar? Entretanto, ao contrário, sois vós que cometeis a injustiça e defraudais - e isto contra os vossos irmãos!*

*Então não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus? Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os enfeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus. Eis o que vós fostes, ao menos alguns. Mas vós lavastes-vos, mas fostes santificados, mas fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus.*

*«Tudo me é permitido», mas nem tudo convém. «Tudo me é permitido», mas não me deixarei escravizar por coisa alguma. Os alimentos são para o ventre e o ventre para os alimentos, e Deus destruirá aqueles e este. Mas o corpo não é para a fornicação, e, sim, para o Senhor; e o Senhor é para o corpo. Ora, Deus, que ressuscitou o Senhor, ressuscitar-nos-á também a nós, pelo seu poder.*

*Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei então os membros de Cristo para fazê-los membros de uma prostituta? Por certo, não!*

## TEXTOS DE ACOMPANHAMENTO

### Que ele me beije

Beije-me com beijos da sua boca  
melhores tuas carícias que vinho  
o aroma dos teus perfumes é melhor  
tua fama é odor que se derrama  
por isso as raparigas amam-te  
arrasta-me contigo, corramos  
faz-me entrar o rei em sua penumbra  
folgaremos e alegrar-nos-emos contigo  
lembrar-nos-emos de teus amores mais do que do vinho  
com razão as raparigas amam-te.

*Cântico dos Cânticos, capítulo 1, versículos 2 a 4*

### Os dois sacramentos

Aquando da segunda das três audiências gerais do seu pontificado, João Paulo I falou brevemente aos jovens casais acerca do sacramento do matrimónio. Transcrevemos aqui essa palavra pronunciada a 3 de Setembro de 1978:

*«(...) No século passado, havia em França um grande professor que ensinava na Sorbonne, Frédéric Ozanam. Era eloquente e muito generoso. Era amigo de Lacordaire, que dizia: “Ele é tão generoso e tão bom que ainda há-de ser padre; há-de ser um grande bispo”. Mas não foi assim. Conheceu uma rapariga e casaram-se. Lacordaire, mal refeito da surpresa, dizia: “Pobre Ozanam, também ele caiu na armadilha!”. Dois anos mais tarde, Lacordaire veio a Roma e foi recebido por Pio IX: “Então, Padre, disse-lhe este. Sempre ouvi dizer que Jesus instituiu sete sacramentos. E agora você vem dizer-me que instituiu seis e uma armadilha! Não, Padre, o matrimónio não é uma armadilha, é um grande sacramento”. É por isso que dirigimos os nossos melhores votos a estes queridos jovens casais. Que o Senhor os abençoe. (...)».*

Documentação católica 1978, n.º 1750, p. 866

## Um outro olhar sobre o homem

*O Deus único não é solitário.* Quantos disparates se disseram acerca da Santíssima Trindade quando se procurou mostrar que a Santíssima Trindade é uma coisa ao mesmo tempo incompreensível e não contraditória!

Para a experiência mística, não há nada mais simples. A Santíssima Trindade quer dizer que Deus não é Alguém que Se olha e gira em torno de Si mesmo, que Se deleita consigo próprio, mas que, pelo contrário, é Alguém que Se dá. Isto significa que Deus não é solitário, que não está diante de um rosto com que Se repetisse num terrível narcisismo.

Na Santíssima Trindade, o Pai está diante do Filho, o Filho diante do Pai no beijo do Espírito Santo. Isto significa que Deus é uma comunhão, uma respiração de amor, um despojamento, uma infância eterna, um nascimento inesgotável, uma novidade que brota sem cessar, enfim, uma pobreza inultrapassável, como S. Francisco bem advinhou.

*Descobrir a Presença para não sermos entregues aos nossos instintos primitivos.* É certo que a actual crise moral só será vencida na medida em que encontrarmos o verdadeiro Deus no fundo dos nossos corações, na medida em que encontrarmos o sentido da sua presença na nossa intimidade como uma exigência criadora, como uma exigência de grandeza, de liberdade e de universalidade.

A moral não é um travão; é o *único meio* de realizarmos a nossa vocação de deuses, o meio de chegarmos a ser deuses.

Na ausência de Deus, o nosso corpo escapa-se-nos como uma coisa, como um objecto entregue às solicitações mais cegas. O nosso espírito desregra-se na obscuridade dos seus jogos e das suas curiosidades doentias, os nossos contactos com os outros distanciam-se e quebram-se porque deixamos de estar no circuito de luz e de amor onde o ser se afirma na plenitude da sua dádiva. É neste circuito de luz e de amor que o ser «*existe*» como um «*êxtase*», como um impulso para o outro, como um dom que corresponde ao *dom* eterno que Deus é.

Padre Maurice Zundel <sup>11</sup>

<sup>11</sup> *Un autre regard sur l'homme*, edição Le Sarment – Fayard, p. 78, 299.



---

## BIBLIOGRAFIA

### **Publicações**

- JEAN-MARC BOT - *O mais belo poema de amor*. Edições Emmanuel, 1994.
- HENRI CAFFAREL - *O pensamento de Paulo VI sobre a sexualidade, casamento e amor*. Introdução e notas do cónego Henri Caffarel. Texto integral do discurso do Papa às Equipas de Nossa Senhora em 4 de Maio de 1970. Edições Feu Nouveau, Paris, 1970. Reprodução do trabalho apresentado por Jean Allemand, editado pelas ENS, Paris, 1988.
- MARC CHAGALL e CLAUS MAYER - *O que tem amor tem charme*. Edições Echter.
- ALBERT CHAPELLE - *Sexualidade e santidade*. Edições IET, 1977.
- Colectivo: *Catecismo da Igreja Católica*, n.ºs 2360 a 2379.
- Colectivo: *Evangelizar a sexualidade*. Edições Equipas de Nossa Senhora, 1994.
- OLIVIER DE DINECHIN - *Chamar ao casamento*. Cadernos de actualidade religiosa e social, supl. ao n.º 335.
- JEAN-CLAUDE GUILLEBAUD - *A tirania do prazer*. Edições Seuil, 1998.
- ALPHONSE D'HEILLY - *Amar em actos e em verdade*. Edições S. Paulo, 1996.
- PASCAL IDE - *O corpo no coração*. Edições S. Paulo, 1996.
- PAULO VI - *Encíclica Humanae Vitae*, 1968.
- JOÃO PAULO II - *A imagem de Deus, homem e mulher*, 1981.
- JOÃO PAULO II - *O corpo, o coração e o espírito*, 1984.

- JOÃO PAULO II - *O amor humano no plano divino*, 1985.
- JOÃO PAULO II - *Encíclica Familiaris Consortio*. Documentação católica, 1982, n.º 1821, pp. 1 a 37.
- JOÃO PAULO II - *Discurso aquando da viagem a Ste Anne d'Auray*. Documentação católica, 1996, n.º 2146, pp. 863 a 865.
- BISPOS DE FRANCA - *Nota pastoral sobre a encíclica Humanae Vitae*. Documentação católica, 1968.
- XAVIER LACROIX - *O corpo e o espírito*. Edições Vida Cristã, 1995.
- XAVIER LACROIX - *O corpo e o amor: Sobre as dimensões éticas, estéticas e espirituais do amor*, 1972.
- XAVIER LACROIX - *Os espelhos do amor*. Edições Centurião, 1997.
- MICHEL LAROCHE - *Uma só cadeia*. Edições Centurião.
- JACQUES DE LONGEAUX - *Casamento e sexualidade na Bíblia*, 1996.
- FRÉDÉRIC MOUNIER - *O amor, o sexo e os católicos*. Edições Centurião, 1994.
- JEAN-FRANÇOIS SIX - *O canto do amor*. Edições Flammarion, 1995.
- XAVIER THÉVENOT - *Referências éticas para o mundo novo*. Edições Salvator, 1982.
- KAROL WOJTYLA - *Amor e responsabilidade*. Edições Stock, 1978.
- JOSEPH WRESINSKY - *Escritos e palavras aos Voluntários do Movimento. Quarto Mundo*. Edições S. Paulo, 1967.

### **Periódicos**

- Alliança* (bimestral) n.ºs 33-34, 69-70, 71, 96, 106-107, 112-113, 120 e 127.
- Amor e família* (bimensal) CLER - Estabelecimento de Informação da Educação e de Conselho Conjugal e Familiar.

# MAGNIFICAT

*A minha alma glorifica o Senhor  
e o meu espírito se alegra em Deus meu salvador.*

*Porque pôs os olhos na humildade da Sua serva,  
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada  
todas as gerações.*

*O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas,  
Santo é o Seu nome.*

*A Sua misericórdia se estende de geração em geração  
sobre aqueles que O temem.*

*Manifestou o poder do Seu braço,  
e dispersou os soberbos.*

*Derrubou os poderosos de Seus tronos,  
e exaltou os humildes.*

*Aos famintos encheu de bens  
e aos ricos despediu de mãos vazias.*

*zAcolheu a Israel Seu servo,  
lembrado da Sua misericórdia,  
como tinha prometido a nossos pais,  
a Abraão e à Sua descendência para sempre.*

*Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,  
como era no princípio, agora e sempre.*

*Ámen.*